A PLACAR TRAZ TODA SEMANA O MELHOR DO FUTEBOL PARA VOCÊ

Placar traz toda a semana o melhor do futebol no Brasil e no mundo. Os bastidores das rodadas, entrevistas com os destaques, matérias polêmicas, fotos espetaculares, furos de reportagens e muito mais.

QUEM AMA FUTEBOL NÃO VIVE SEM PLACAR

Visite nosso site: www.placar.com.br

CARTA AO LEITOR

AMOR À CAMISA

Da leitura das reportagens publicadas por PLACAR desde 1970 nas grandes conquistas do Bahia (e não foram poucas), é fácil perceber a existência de alguns temas recorrentes: o trio elétrico, a Colina Sagrada, a igreja do Senhor do Bonfim. Pode parecer que nossos redatores e repórteres sofrem de uma crônica e histórica crise de criatividade. É mais do que isso, porém. É que desde que o Esporte Clube Bahia se tornou o mais popular dos clubes do Nordeste suas vitórias são sempre acompanhadas de festejos ao mesmo tempo sacros e profanos. É a história desses títulos — tantos que não foi possível encaixá-los todos no espaço desta edição especial: preferimos reproduzir as reportagens que vão até 1991 e acrescentar a elas a conquista do Nordestão-2001, a mais recente e uma das mais importantes da história do clube — que procuramos contar aqui.

P.S.: A camisa do Bahia que ilustra a capa desta edição nos foi cedida por cortesia do colecionador paulista João Trinca. Ela foi vestida por Sapatão no jogo Santos 0 x 0 Bahia, no Pacaembu, em 16 de outubro de 1976. ⊡

ANDRÉ FONTENELLE, REDATOR-CHEFE

SUMÁRIO

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

PRESIDENTE E EDITOR: Roberto Civita
VICE-PRESIDENTE EXECUTIVO E DIRETOR EDITORIAL: Thomaz Souto Corrêa
VICE-PRESIDENTE COMERCIAL: Carlos R. Berlinck
DIRETOR DE PUBLICIDADE: Paulo Cesar Araújo
VICE-PRESIDENTE DE NEGÓCIOS: Giancarlo Civita

DIRETOR DE NÚCLEO: Paulo Nogueira

DIRETOR DE REDAÇÃO: Sérgio Xavier Filho **DIRETOR DE ARTE:** Fábio Bosquê Ruy **REDATOR-CHEFE:** André Fontenelle **EDITOR DE FOTOGRAFIA:** Ricardo Corrêa Ayres **EDITORES ESPECIAIS:** André Rizek, Arnaldo Ribeiro e Fabio Volpe **REPÓRTERES:** Eduardo Cordeiro, Léo Romano e Rodrigo Garofalo **SUBEDITOR DE FOTOGRAFIA:** Alexandre Battibugli **FOTÓGRAFO:** Eduardo Monteiro (RJ) **DIAGRAMADORES:** André Koguti e Crystian Cruz **ATENDIMENTO AO LEITOR:** Silvana Ribeiro **COLABORARAM:** Leonardo Fuhrmann, Marcelo Monteiro, Renata Chiurciu, Rita Palon

APOIO EDITORIAL: DEPTO. DE DOCUMENTAÇÃO: Susana Camargo **ABRIL PRESS:** José Carlos Augusto **NOVA YORK:** Grace de Souza **PARIS:** Pedro de Souza **RIO DE JANEIRO:** Débora Chaves

DIRETOR COMERCIAL: Alexandre Caldini

MARKETING E CIRCULAÇÃO: DIRETOR: Ricardo Packness de Almeida **GERENTE DE PRODUTO:** Euvaldo Junior **ASSISTENTE DE PRODUTO:** Erica Lemos **PROMOÇÕES E EVENTOS:** Marina Decânio **PROJETOS ESPECIAIS:** Cristina Ventura
PUBLICIDADE: DIRETORES: Eliani Prado, Rogério Gabriel Comprido, Sérgio Ricardo do Amaral **GERENTES:** Cristiane Tassoulas, Ricardo Luttgardes (RJ) **EXECUTIVAS DE NEGÓCIOS:** Leda Costa (RJ), Maria Isabel Mandia **EXECUTIVOS DE CONTAS:** Emiliano Hansenn, Henri Marques (RJ), Renata Miolli
PROCESSOS: GERENTE DE PRODUÇÃO: Andrea Giovanni Spelta **COORDENADORES DE PUBLICIDADE:** Irla Ferneda, Renato Rosante **COORDENADOR DE PRODUÇÃO:** Ricardo Carvalho
PLANEJAMENTO E CONTROLE: GERENTE: Auro Iasi **CONSULTORA FINANCEIRA:** Lourdes Oliveira

GERENTE ESCRITÓRIO BRASÍLIA: Angela Rehem de Azevedo **DIRETOR DE PUBLICIDADE REGIONAL:** Jacques Ricardo **DIRETOR ESCRITÓRIO RIO DE JANEIRO:** Paulo Renato Simões **REPRESENTANTE EM PORTUGAL:** Manuel José Teixeira **DIRETOR DE PUBLICIDADE - CLASSIFICADOS:** Pedro Codognotto
ASSINATURAS: DIRETORA DE OPERAÇÕES DE ATENDIMENTO AO CONSUMIDOR: Ana Dávalos
DIRETOR DE VENDAS: William Pereira

EM SÃO PAULO: REDAÇÃO E CORRESPONDÊNCIA: av. das Nações Unidas, 7221, 15º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel.: (11) 3037-2000, fax: (11) 3037-5638 **PUBLICIDADE:** av. das Nações Unidas, 7221, 14º andar, Pinheiros, CEP 05425-902.
ESCRITÓRIOS E REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE NO BRASIL: BELO HORIZONTE: av. do Contorno, 5919, 9º and., Bairro do Carmo, CEP 30110-100, Vânia R. Passolongo, tel.: (31) 282-0630, fax: (31) 282-8003 **BLUMENAU:** r. Florianópolis, 279, Bairro da Velha, CEP 89036-150, M. Marchi Representações, tel.: (47) 329-3820, telefax: (47) 329-6191 **BRASÍLIA:** SCN - Q.1 bl. Ed. Brasília Trade Center, 14º and., sl. 1408, CEP 70710-902, Solange Tavares, tel.: (61) 315-7575, fax: (61) 315-7558 **CAMPINAS:** r. Conceição, 233, 26º and., conjs. 2613/2614, CEP 13010-916, CZ Press Com. e Representações, telefax: (19) 3233-7175 **CURITIBA:** av. Cândido de Abreu, 651, 12º and., Centro Cívico, CEP 80530-000, Marlene Hadid, tel.: (41) 352-2426, fax: (41) 252-7110 **FLORIANÓPOLIS:** r. Manoel Isidoro da Silveira, 610, sl. 107, Com. Via Lagoa da Conceição, Interação Publicidade, tel.: (48) 232-1617, telefax: (48) 232-1782 **Fortaleza:** av. Desembargador Moreira, 2020, sls. 604/605, Aldeota, CEP 60170-002, SRS Propaganda e Repres. e Com. Ltda., telefax: (85) 264-3939 **Goiânia:** r. 10, 250, lj. 2, Setor Oeste, CEP 74120-020, Middle West Repres. Ltda., tel.: (62) 215-3274, telefax: (62) 215-5158 **JOINVILLE:** r. Dona Francisca, 260, cj. 1408, Centro, CEP 89201-250, Via Mídia Proj. Editoriais Mkt. e Repres. Ltda., telefax: (47) 433-2725 **LONDRINA:** r. Manoel Barbosa da Fonseca Filho, 500, Jd. San Fernando, CEP 86040-550, Best Seller Repres. Com., telefax: (43) 325-9649 **PORTO ALEGRE:** r. dos Andradas, 1001, sl. 902, Centro, CEP 90020-007, Ana Lúcia R. Figueira, tel.: (51) 3211-6744, fax: (51) 3211-6908 **RECIFE:** av. Dantas Barreto, 1186, 15º and., sl. 1501, São José, CEP 50020-000, MultiRevistas Publicidade Ltda., telefax: (81) 424-3210 **RIBEIRÃO PRETO:** r. João Penteado, 190, CEP 14025-010, Intermídia Repres. e Publ. S/C Ltda., tel.: (16) 635-9630, fax: (16) 635-9233 **RIO DE JANEIRO:** Praia de Botafogo, 501, 1º and., bl. B, Botafogo, CEP 22250-040, Paulo Renato Simões, tel.: (21) 2546-8100, fax: (21) 2546-8201 **SALVADOR:** av. Tancredo Neves, 805, sl. 401, Edif. Espaço Empresarial, Pituba, CEP 41820-021, AGMN Consult. Publ. e Repres., telefax: (71) 341-4992/4996 **VITÓRIA:** av. Rio Branco, 304, 2º and., cj. 44, Sta. Lúcia, CEP 29055-916, DU'Arte Propag. e Marketing Ltda., telefax: (27) 325-3329
ESCRITÓRIOS NO EXTERIOR: NOVA YORK: 104 West 27th Street, 11th floor, New York, N.Y. 10001, tel.: (1-212) 924-0001, fax: (1-212) 929-5157, e-mail: abril@walrus.com **PARIS:** 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, tel.: (00331) 42.66.31.18, fax: (00331) 42.66.13.99, e-mail: abril-paris@wanadoo.fr **PORTUGAL - IMPORTAÇÃO EXCLUSIVA E COMERCIALIZAÇÃO:** Abril-Controljornal-Editora, Lda., Largo da Lagoa, 15C, 2795 Linda-a-Velha, tel.: (003511) 416-8700, fax: (003511) 416-8701. Distribuição: Deltapress-Sociedade Distribuidora de Publicações, Lda., Capa Rota, Tapada Nova, Linhó, 2710 Sintra, tel.: (003511) 924-9940, fax: (003511) 924-0429

EDITORA ABRIL: INTERESSE GERAL: Veja, Veja São Paulo, Veja Rio, Veja Edições Regionais, Veja na Sala de Aula, Superinteressante, Web **NEGÓCIOS:** Exame, Brasil em Exame, Melhores & Maiores, Você S.A., Info Exame **FEMININAS:** Claudia, Claudia Cozinha, Elle, Nova, Nova Beleza, Capricho, Manequim, Ponto Cruz, Faça e Venda, Boa Forma, Viva Mais!, Anamaria, Contigo, Minha Novela, Horóscopo **MASCULINAS:** Playboy, Placar, Quatro Rodas, Vip **TURISMO E AVENTURA:** Viagem e Turismo, National Geographic **GUIAS:** Brasil, Rodoviário, São Paulo, Rio de Janeiro, Campinas, Belo Horizonte, Estradas, Praias, Mapas das Capitais, Rio-Santos, Atlas Rodoviário **CASA E FAMÍLIA:** Casa Claudia, Arquitetura & Construção, Saúde!, Bons Fluidos **INFANTO-JUVENIS:** Ação Games, Recreio, Digimon, Disney, Super-heróis, revistas e livros de atividades **ABRIL MULTIMÍDIA:** Livros Ilustrados, CDs, Fascículos e Vídeos em Séries **ANUÁRIOS:** Almanaque Abril, CD-ROM do Almanaque Abril, Guia Abril do Estudante
EDITORA CARAS, EDITORA SÍMBOLO, ABRIL CONTROLJORNAL/EDIPRESSE, EM PORTUGAL, EDITORIAL PRIMAVERA, NA ARGENTINA
INTERNET: Idealyze, Abril.com, UOL, Usina do Som, @jato **ENTRETENIMENTO:** MTV Brasil, Abril Music, Abril Eventos, Abril Produções **TVA:** TVA Rio, TVA Sul Paraná, TV Filme Goiânia, TV Filme Brasília, TV Filme Belém **Datalistas:** O maior e mais completo banco de dados do país **EDUCAÇÃO:** Editora Ática, Editora Scipione **Fundação Victor Civita:** Nova Escola

PLACAR 1204-B (ISSN 0104-1762), ano 32/, é uma publicação semanal da Editora Abril S.A. **EDIÇÕES ANTERIORES:** solicite ao seu jornaleiro ou pelo e-mail: abril.ea@abril.com.br. O preço será o da última edição em banca, acrescido da tarifa de postagem quando for enviada pelo correio (sempre que houver disponibilidade no estoque). Distribuída em todo país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A. **ANER**

www.abril.com.br

PRESIDENTE E CEO: Roberto Civita
GABINETE DA PRESIDÊNCIA: José Augusto Pinto Moreira, Thomaz Souto Corrêa
VICE-PRESIDENTES: Carlos R. Berlinck, Cesar Monterosso, Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal, Valter Pasquini

NA CONQUISTA DO TÍTULO daquele ano, o contraste entre dois atacantes: o veterano argentino Sanfilippo, em fim de carreira, e um garoto de 16 anos que viria a ser ídolo: Beijoca

SUBSTITUIÇÃO NO BAHIA: ENTRA BEIJOCA, SAI SANFILIPPO

O lugar que foi do argentino pertence a um menino de apenas 16 anos, que começou no dente-de-leite, passou pelos juvenis e já teve seu batismo de fogo no Robertão

>> POR CARLOS LIBÓRIO

Sanfilippo, argentino, 33 anos, grande artilheiro, campeão pan-americano e sul-americano, está afastado do time do Bahia. Ultimamente ele já não era titular, mas entrava sempre no meio de cada jogo e muitas vezes era quem garantia a vitória, com um gol ou um passe. Agora o lugar que foi de Sanfilippo pertence a Beijoca, um menino de apenas 16 anos, que começou no dente-de-leite, passou pelos juvenis e já teve seu batismo de fogo no Robertão.

José Francisco Sanfilippo começou a jogar tão cedo quanto Jorge Ferreira de Aragão, o Beijoca. O argentino nasceu em Buenos Aires, no dia 4 de maio de 1937. Beijoca nasceu em Salvador, no dia 23 de abril de 1954. Aos 14 anos Sanfilippo começou a jogar no San Lorenzo e aos 16 tomava-se profissional. Depois jogou pelo Boca Juniors e pelo Nacional, de Montevidéu. Em 1968 era do Bangu. Um ano depois estava no Bahia.

Beijoca começou no dente-de-leite do Vila Real, passou para o do Bahia.

— Foi uma alegria muito grande quando Seu Solich me escolheu para disputar a posição com Sanfilippo, Carlinhos e Zé Eduardo, todos eles ótimos jogadores.

Beijoca não cabe em si de contente, explica até a razão de seu apelido:

— Eu jogava pelada na praia e quando saiu a boneca Beijoca, da Estrela, a turma me achou parecido com ela. Eu não liguei, mas o apelido pegou.

Sanfilippo não se dava bem com Paulo Teixeira, ex-chefe do Departamento de Profissionais do Bahia. Por isso deu uma entrevista afirmando que ninguém gostava de Paulo no Bahia. Paulo Teixeira, que estava para ser afastado, foi mesmo, mas a diretoria do clube não gostou da entrevista e puniu Sanfilippo, afastando-o do time por um jogo e multando-o em 40% do salário.

A única coisa que deixa Sanfilippo aborrecido é não jogar no Robertão. Ele tem contrato com o Bahia até dezembro, acha que o clube não vai renová-lo, mas ainda pretende jogar dois anos.

— Depois vou ser técnico. Mas não quero sair da Bahia. Minha mulher e meus filhos gostaram daqui, eu adoro a Bahia.

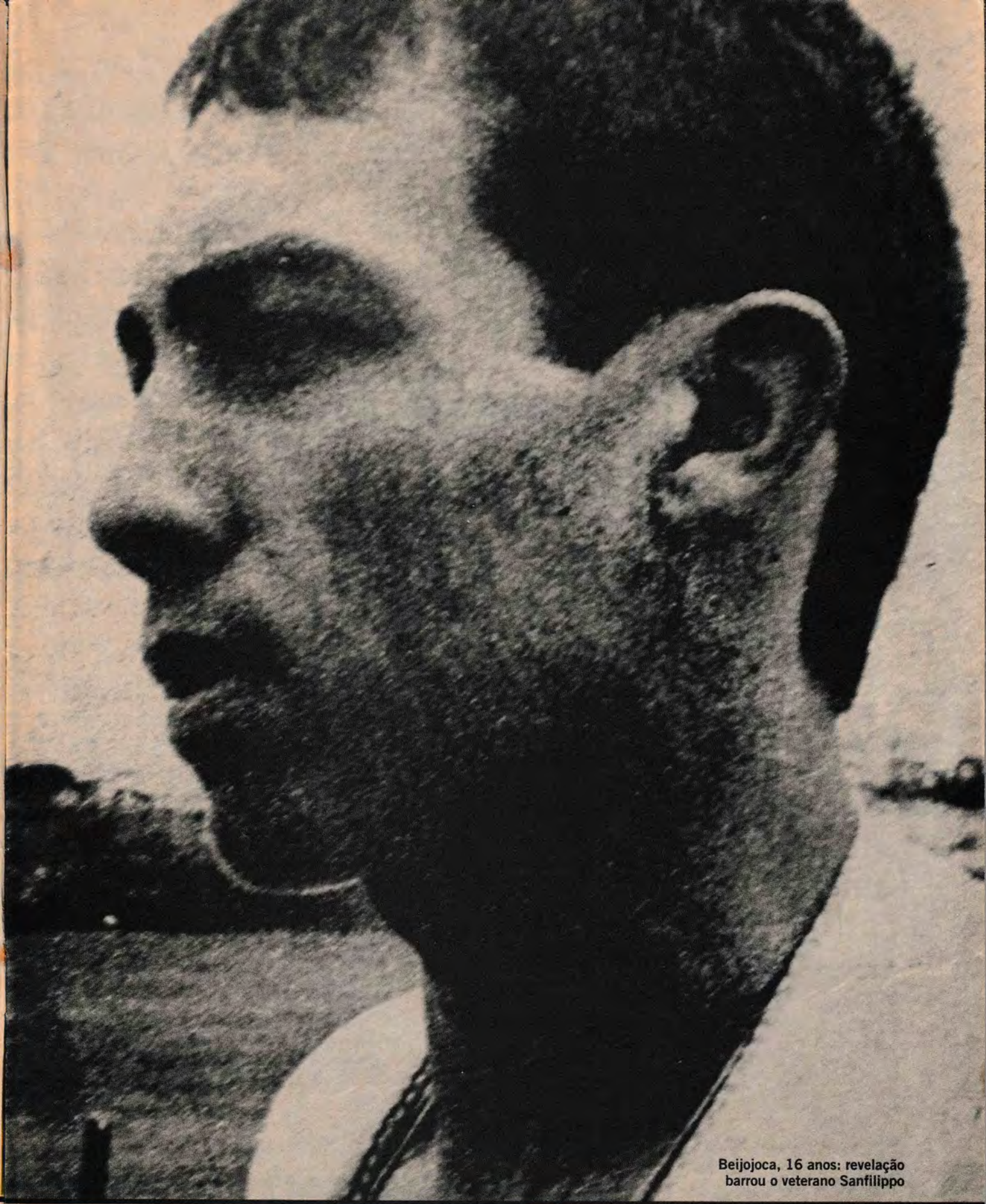
Beijoca não tem problemas com o clube, mas o mesmo não acontece com sua família. Seus pais não queriam deixá-lo viajar para outros Estados.

— Não é que eu não tenha confiança nos dirigentes. Acontece que ele é quase um menino (Manuel Aragão, pai de Beijoca).

Mas Beijoca já mostrou que tem personalidade, que não tem medo de zagueiros vigorosos, que sabe passar uma bola, deslocar-se. Sanfilippo sabe fazer tudo isso como um mestre, mas hoje já sente a idade. Mais por isso, Beijoca tomou seu lugar. Beijoca, um menino de 16 anos entre os homens feitos, igualzinho a Sanfilippo, há 16 anos.

"BEIJOCA EXPLICA A RAZÃO DE SEU APELIDO: 'EU JOGAVA PELADA NA PRAIA E QUANDO SAIU A BONECA BEIJOCA, DA ESTRELA, A TURMA ME ACHOU PARECIDO COM ELA'"

16/12/70 FONTE NOVA (SALVADOR)
BAHIA 6 X 0 ITABUNA
J: Válter Gonçalves; **R:** Cr$ 35 020; **G:** Sanfilippo 4 e Carlinhos 9 do 1º; Zé Eduardo 12, Sanfilippo 13 e 37 e Baiaco 35 do 2º
BAHIA: Renato, Aguiar (Paes), Zé Oto, Roberto e Sousa; Amorim e Baiaco; Carlinhos (Manezinho), Sanfilippo, Zé Eduardo e Artur. **T:** Fleitas Solich
ITABUNA: Betinho, Reizinho, Americano, Aílton e Caxinguelê; Chuvisco e Bastinho; Felisberto, Pepeta, Luisinho e Wilson

RICARDO CHAVES

Beijojoca, 16 anos: revelação barrou o veterano Sanfilippo

O GOLEIRO RENATO adotou o número 74 em sua camisa, referência à Copa de 1974, que ele queria disputar (acabou indo outro Renato, o do Flamengo, como reserva de Leão). Enquanto sonhava, Renato ajudou o Bahia a ser bi

VITÓRIA E TÍTULO: SÓ DEU BAHIA

O time de Jorge Vieira não permitiu zebras no caminho

>> POR CARLOS LIBÓRIO

Foi um dia à altura do novo futebol baiano, que, este ano, com a ampliação e reabertura do estádio da Fonte Nova, vai ter grandes momentos. Salvador vive um clima de festa desde cedo. Carros desfilando com bandeiras do Bahia, da Ribeira a Itapoã, dois extremos da cidade. Em cada avenida e cada viela da velha Salvador, apenas um grito de guerra: "Bahia, Bahia!"

A marcação do pênalti e o gol do Bahia fizeram muita gente desmaiar. E por fim provocaram uma invasão do campo. O lance do pênalti nasceu de uma indecisão do goleiro Adílson, do Vitória, que demorou muito para sair. Quando quis ir, já era tarde. Adílson, seu xará do Bahia, já tinha entrado na jogada e se preparado para marcar. E, num gesto de desespero, o goleiro derrubou o atacante. Artur cobrou e marcou.

Daí por diante, precisando apenas do empate para ser campeão, o Bahia só fez se defender, fechando-se no seu campo enquanto o Vitória ia todo para o ataque. Mas o Vitória não conseguiu mais do que colocar uma bola na trave e perder muitas chances de marcar. Já no intervalo, a torcida do Bahia começara a se concentrar no fosso, à espera do momento de entrar em campo e festejar a conquista.

Aos 39 minutos do segundo tempo, o jogo esteve ameaçado de ser suspenso. André, do Vitória, atingiu o goleiro Renato e acabou sendo expulso de campo. A torcida do Bahia, indócil, achou que já era hora de entrar em campo. Resultado: o jogo teve de ser suspenso por oito minutos. E somente foi reiniciado depois que o governador do Estado, sr. Antonio Carlos Magalhães, que se encontrava no estádio, determinou pessoalmente a evacuação do gramado.

Quando o juiz deu por encerrada a partida, os jogadores do Bahia fugiram para o vestiário, com exceção de um, Roberto, que foi despido pela multidão. E, de sunga, foi carregado triunfalmente.

Depois, a pé, todos — dirigentes, torcedores e jogadores — foram até a Igreja do Senhor do Bonfim agradecer a conquista do título. E lá, no melhor estilo da gente baiana, houve também muito carnaval.

"O JOGO TEVE DE SER SUSPENSO POR OITO MINUTOS. E SOMENTE FOI REINICIADO DEPOIS QUE O GOVERNADOR DO ESTADO, SR. ANTONIO CARLOS MAGALHÃES, DETERMINOU PESSOALMENTE A EVACUAÇÃO DO GRAMADO"

1/8/71 FONTE NOVA (SALVADOR)
BAHIA 1 X 0 VITÓRIA
J: Garibaldo Mattos; **G:** Artur (pênalti) 13 do 1º; **E:** Nilo e André
BAHIA: Renato; Aguiar, Zé Oto, Roberto Rebouças e Sousa; Amorim e Baiaco; Toninho (Nélson), Adilson, Carlinhos e Artur (Nilo). **T:** Jorge Vieira
VITÓRIA: Adílson; Valtinho, Luís Carlos, Nelinho e França; Osvaldo (Juarez) e Ademir; Mário Sérgio, André, Adãozinho e Ventilador (Kosilek). **T:** Tim

Roberto Rebouças afasta: segurança na defesa

A SURPRESA DO CAMPEONATO foi o Atlético de Alagoinhas. Nada, porém, que impedisse o Bahia do técnico Evaristo de recuperar a supremacia estadual

ATRÁS DO TRIO ELÉTRICO

A torcida do Bahia nem esperou o fim do jogo para invadir o gramado da Fonte Nova e comemorar o 24º título estadual

>> POR CARLOS LIBÓRIO

Atrás de um trio elétrico — uma mistura muito baiana de carnaval e fé —, jogadores e torcedores deixaram o estádio da Fonte Nova em longa romaria rumo à igreja do Senhor do Bonfim, para agradecer e comemorar o título do Bahia. A grande festa organizada durante a semana explodiu no domingo, quando o Bahia venceu o Atlético de Alagoinhas por 1 x 0 e conquistou seu 24º título estadual.

Embora o Bahia precisasse da vitória para decidir logo o título, pouca gente acreditava que o Atlético, apesar de seu esforço e sua vontade, pudesse ao menos adiar as comemorações. E seu novo triunfo foi o último de uma série de 21 vitórias, oito empates e apenas uma derrota, num jogo contra o Vitória, cujo resultado final ainda está sendo discutido na Justiça Desportiva.

Aos 22 minutos do primeiro tempo, a torcida do Bahia, que lotava o lado B das arquibancadas, começou a festejar quando Douglas marcou o primeiro gol, apesar do impedimento visível em que se encontravam Natal e Picolé (o bandeirinha chegou a assinalar, mas o juiz Clinamulte França não tomou conhecimento).

O Atlético reclamou e, mesmo assim, partiu para a frente, em busca do empate que forçaria a realização de novo jogo. Contudo, no segundo tempo, Peri bateu seu marcador na corrida, passou pelo goleiro Pompéia e chutou para a meta vazia. A bola ainda bateu na trave esquerda antes de entrar.

Apesar da vitória garantida, os diretores do Bahia não estavam tranqüilos, pois temiam que sua torcida invadisse o campo. E a torcida invadiu. Ela só se conteve até os 33 minutos. Aí, entrou na pista do campo e chegou à beira do gramado. Houve apelos patéticos do técnico Evaristo de Macedo e de dirigentes pelas emissoras de rádio, e a torcida voltou às arquibancadas. Quando o jogo acabou, houve nova invasão — e começou a festa.

"EMBORA O BAHIA PRECISASSE DA VITÓRIA PARA DECIDIR LOGO O TÍTULO, POUCA GENTE ACREDITAVA QUE O ATLÉTICO, APESAR DE SEU ESFORÇO E SUA VONTADE, PUDESSE AO MENOS ADIAR AS COMEMORAÇÕES"

12/8/73 FONTE NOVA (SALVADOR)

BAHIA 2 X 0 ATLÉTICO-BA

J: Clinamute França; **R:** Cr$ 247 839,00; **P:** 31 369; **G:** Douglas 22 do 1º; Peri 16 do 2º

BAHIA: Buttice, Ubaldo, Altivo, Roberto Rebouças e Romero; Baiaco e Fito; Natal, Picolé (Eliseu), Douglas (Everaldo) e Peri. **T:** Evaristo de Macedo

ATLÉTICO DE ALAGOINHAS: Pompéia, Élson (Bahia), Ênio, Silva e Juca; Catu e Delorme; Paulinho, Dendê, Serrinha (Caroço) e Jaldemir

Eliseu encara um futuro ídolo tricolor, o pequenino Osni

O VITÓRIA VINHA com um timaço, comandado pelo jovem Mário Sérgio. Mas na decisão um gol do sofrido Piolho decidiu o título

A FORÇA DA TRADIÇÃO

O Bahia andou ameaçado no primeiro turno, mas na hora da decisão a velha garra de seu time falou mais alto

>> POR CARLOS LIBÓRIO E GENEVALDO MATOS

Foi o 25° título conseguido pelo Bahia, mas a torcida está comemorando como se fosse o primeiro. A dureza do campeonato, só decidido na última partida; o crescimento do maior rival, o Vitória, que este ano chegou a ameaçar no campo e nas rendas; e o aparecimento de um inimigo inesperado, o Fluminense de Feira — tudo isso contribuiu para que a euforia da massa tricolor fosse fantástica.

Nada pôde conter o povo, que, em louca disparada para o gramado, dobrou o alambrado de arame grosso como se fosse papelão. Ele era a única coisa que separava a torcida de seus ídolos.

Depois que o time, finalmente, conseguiu descer para o vestiário, os torcedores, ainda insatisfeitos, deram eles próprios a volta olímpica no gramado, onde Lourinho, um dos líderes, queimava incenso, alegando que cumpria as determinações de seu pai-de-santo. "Eu disse que ia amarrar todo o time do Vitória. Taí".

Do vestiário, os jogadores do Bahia saíram todos para a igreja do Bonfim, a maioria a pé, num percurso de 15 quilômetros. Mas o percurso dos torcedores era outro. O carnaval se espalhava pela cidade e a torcida ocupava todos os bares, da Ribeira a Itapoã.

O time começou sendo dirigido por Paulo Emílio, posto para fora logo após derrotar o Vitória por 2 x 0. E então, em setembro, entrou Paulo Amaral, acumulando as funções de técnico e preparador físico. Amaral conseguiu manter não só a disciplina no time, mas também o espírito de luta nos jogadores, que estavam com salários atrasados e ameaçavam até uma greve.

"Quando fui chamado novamente para dirigir o Bahia, argumentei com os dirigentes que talvez não fosse a melhor solução. Isso porque — embora já tenha trabalhado em outros clubes — eu me considero, antes de mais nada, torcedor do Bahia. E às vezes isso pode ser prejudicial, pois um técnico é um líder e, como tal, precisa ter sempre cabeça fria."

Agora, depois da luta ganha, os jogadores não se preocupam mais com os salários atrasados. Com a renda das duas partidas contra o Vitória, receberão o salário de outubro e, depois das férias, o resto. Após o bicampeonato, um conselheiro entregou um cheque para dividir entre eles. Além disso, 22 padrinhos vão contribuir para engrossar o bicho.

E tudo foi decidido por um gol heróico de um jogador pouco conhecido, que entrou no clube por empréstimo. Antônio Jesuíno da Silva, o Piolho, 27 anos, é o mais velho de 18 irmãos, que moram em Vitória da Conquista com a mãe, vendedora de acarajé na porta do estádio da cidade. O Cruzeiro uma vez mandou buscar o jogador em sua cidade, de jatinho fretado. Mas o jatinho ficou cinco horas parado no aeroporto.

Atendendo os apelos de sua mãe, piolho decidiu não abandonar Vitória da Conquista. E, a partir daí, veio a parte ruim. Duas operações e várias contusões. Finalmente, foi emprestado ao Vitória para o Brasileiro de 1973. Mas jogou poucas vezes. No fim, o clube não pôde comprar seu passe.

Piolho depois passou para o Bahia, que não tinha muito interesse em contratá-lo. Mas, com saída de Picolé, a situação de Piolho mudou. Até que se machucou de novo e o clube contratou Mickey. Mas, na final, quem se machucou foi Mickey. E Piolho entrou para ganhar o campeonato. Na raça, como todo o time do Bahia.

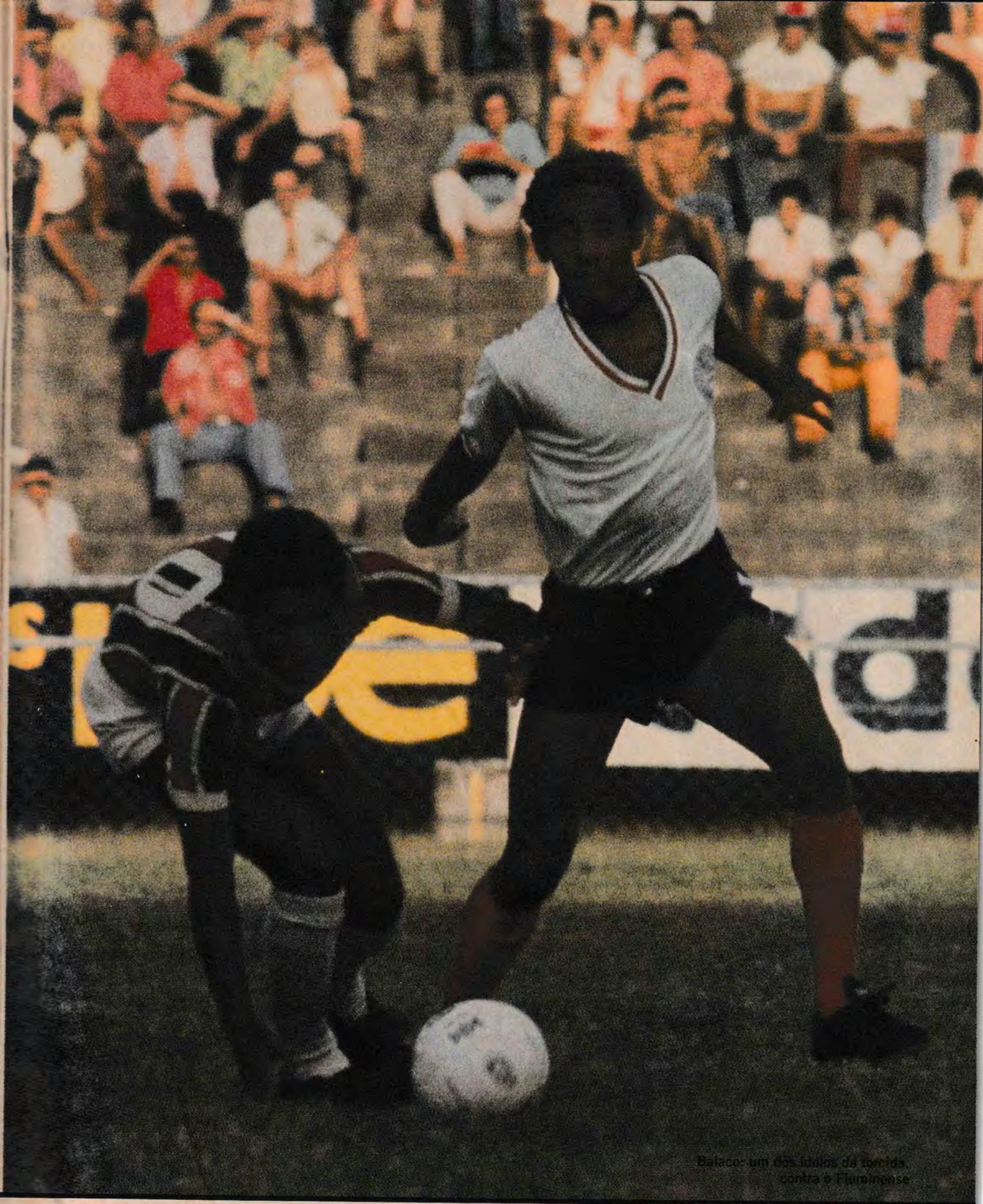
"OS TORCEDORES DERAM ELES PRÓPRIOS A VOLTA OLÍMPICA NO GRAMADO, ONDE LOURINHO, UM DOS LÍDERES, AFIRMAVA: 'EU DISSE QUE IA AMARRAR TODO O TIME DO VITÓRIA. TAÍ'"

18/12/74 FONTE NOVA (SALVADOR)

BAHIA 1 X 0 VITÓRIA

J: Sílvio David; **R:** Cr$ 549 515; **P:** 58 389; **G:** Piolho 6 do 1°; **E:** Marquinhos 44 do 1°

BAHIA: Zé Luís, Ubaldo, Sapatão, Altivo e Romero; Baiaco e Fito; Tírson, Douglas (Jorge Campos), Piolho (Alberto) e Marquinhos. **T:** Paulo Amaral

VITÓRIA: Joel Mendes, Roberto (França), Vavá, Válter e Jorge Valença; Denílson e Mário Sérgio; Gibira, Osni, André e Washington (Orlando). **T:** Bengalinha

Balaco: um dos ídolos da torcida, contra o Fluminense

O ESTRANHO REGULAMENTO do estadual permitia que dois times se sagrassem campeões ao mesmo tempo... só que o Bahia conquistou o título antes que isso acontecesse. Entenda por quê

TÍTULO MERECIDO E INJUSTO

Ninguém pode negar o mérito do Bahia, que conquistou invicto o tricampeonato. Mas ninguém pode negar também que o Atlético de Alagoinhas foi injustiçado

>> POR CARLOS LIBÓRIO

O paradoxo não é nosso, mas da Federação Baiana de Futebol e do estúpido regulamento que elaborou para o campeonato estadual. Ninguém pode negar o mérito do Bahia, que conquistou invicto o tricampeonato e completou, computando resultados do ano passado, 44 partidas oficiais sem derrota. Mas ninguém pode negar também que o Atlético de Alagoinhas foi injustiçado. Classificou-se, brigando lá no campo, para as finais do Campeonato Baiano e, na hora da verdade, nem foi para Salvador porque oBahia foi proclamado campeão com um simples empate de 0 x 0 com o Vitória. E este ainda ficou com o vice, embora não o tenha disputado com o Atlético, de acordo com as idiotas contas de chegar da Federação.

Vejam só o tal regulamento, obra digna de um alto matemático ou de um débil mental: o campeonato foi dividido em dois turnos; vencedor e vice de cada um passariam às finais. O Bahia venceu o primeiro turno e levou dois pontos para as finais; o Atlético ficou em segundo e ganhou um ponto. O Bahia bisou no segundo turno e ganhou mais dois pontos; o Vitória foi segundo e levou um pontinho.

Então, antes mesmo de começarem as finais, o Bahia tem uma baita — e justa —vantagem: quatro pontos contra um de cada adversário. Aí entra um tal de artigo 8º e acaba com as esperanças: "O clube que tiver quatro pontos será campeão se completar cinco pontos com seus dois primeiros jogos."

Mas como, se o Atlético podia perfeitamente vencer o Bahia e o Vitória, completando também cinco pontos? Regulamentos à parte, salve o técnico Zezé Moreira, que chegou a Salvador desacreditado, com seus 65 anos, e com um trabalho sóbrio levou o Bahia ao título — o 26º em seus 44 anos de existência e o terceiro tricampeonato de sua história. Ao Vitória, o consolo do vice e de cinco empates com o Bahia.

"O REGULAMENTO ERA OBRA DIGNA DE UM ALTO MATEMÁTICO OU DE UM DÉBIL MENTAL"

27/6/76 FONTE NOVA (SALVADOR)
BAHIA 2 X 1 VITÓRIA

J: Manuel Serapião Filho; **R:** Cr$ 880 318; **P:** 51 223; **G:** Osni (pênalti) 8 do 1º e Douglas 14 do 2º; Beijoca 2 da prorrogação; **CA:** Douglas, Fischer, Jésum, Fito, Jorge Valença e Zé Augusto; **E:** Romero, Jésum e Jorge Valença

BAHIA: Joel Mendes, Perivaldo, Zé Augusto, Sapatão e Romero; Baiaco e Gibira; Edu (Roberto Rebouças), Douglas, Beijoca e Jésum. **T:** Orlando Fantoni

VITÓRIA: Andrada, Uchoa, Joãozinho, Válter e Jorge Valença; Leo e Paulo Roberto (Afrânio); Osni (Washington), Geraldão, Fischer e Valdo. **T:** Tim

Roberto Rebouças na final: aos 36 anos, mais um título

FOI UMA VIRADA da qual os torcedores do Bahia nunca mais vão se esquecer. Ela abriu o caminho para a conquista do tetracampeonato

GRANDE VIRADA DO BAHIA

Poucos acreditavam — o Vitória não perdia do rival desde dezembro de 74 —, mas o Bahia foi lá e garantiu sua presença nas finais

>> POR FERNANDO ESCARIZ

Não foi à toa que os jogadores, cartolas, torcedores e o técnico Orlando Fantoni caminharam 15 km da Fonte Nova à Igreja do Senhor do Bonfim, depois de 120 sofridos minutos de futebol. Pois só pode ter havido um empurrãozinho misterioso quando o Bahia, perdendo de 1 x 0 e com dez homens em campo, deu a volta por cima no Vitória e venceu a primeira fase do segundo turno.

Poucos acreditavam – o Vitória ganhara as duas fases do primeiro turno e não perdia do Bahia desde dezembro de 74 –, mas o Bahia foi lá e garantiu sua presença nas finais, dependendo agora da segunda fase para igualar-se ao adversário ou deixar claro que esta vitória foi meio espírita. De qualquer maneira, estão garantidas novas emoções e grandes rendas – domingo deu 880 318 cruzeiros.

Foi um jogo emocionante. Fantoni, que estava para cair do cargo, chegou a cair três vezes no banco de reservas; estava tão agitado que fumou mais de um maço de cigarros e passou os últimos minutos com a mão no peito, como se estivesse segurando o velho coração que, só no Bahia, já o levou duas vezes a clínicas de urgência. E foi ele, naturalmente, quem liderou a caminhada até a igreja de todos os baianos.

O Bahia jogou sua melhor partida este ano, principalmente pela garra. Mas teve a ajuda da sorte – Osni, depois de marcar o primeiro de pênalti, perdeu outra falta máxima que deixaria o Vitória tranqüilão. Aí, mesmo com Romero expulso, o Bahia empatou com Douglas e, na prorrogação, fez 2 x 1 com Beijoca, uma jogada que começou com o lateral Perivaldo, reconhecido até pelo técnico Tim como melhor homem em campo e herói da virada.

"FANTONI PASSOU OS ÚLTIMOS MINUTOS COM A MÃO NO PEITO, SEGURANDO O VELHO CORAÇÃO QUE, SÓ NO BAHIA, JÁ O LEVOU DUAS VEZES A CLÍNICAS DE URGÊNCIA"

27/6/76 FONTE NOVA (SALVADOR)
BAHIA 2 X 1 VITÓRIA
J: Manuel Serapião Filho; **R:** Cr$ 880 318; **P:** 51 223; **G:** Osni (pênalti) 8 do 1º e Douglas 14 do 2º; Beijoca 2 da prorrogação; **CA:** Douglas, Fischer, Jésum, Fito, Jorge Valença e Zé Augusto; **E:** Romero, Jésum e Jorge Valença
BAHIA: Joel Mendes, Perivaldo, Zé Augusto, Sapatão e Romero; Baiaco e Gibira; Edu (Roberto Rebouças), Douglas, Beijoca e Jésum. **T:** Orlando Fantoni
VITÓRIA: Andrada, Uchoa, Joãozinho, Válter e Jorge Valença; Leo e Paulo Roberto (Afrânio); Osni (Washington), Geraldão, Fischer e Valdo. **T:** Tim

Um jovem Beijoca: o responsável pela virada tricolor

FOI O TERCEIRO tetracampeonato da história do Bahia. Beijoca fez o gol do título e a festa tomou conta da histórica avenida Joana Angélica

A RUA É DO POVO

No jogo final confirma-se o sonho do tetracampeonato: o Bahia tinha inaugurado na quarta o Corredor da Alegria, onde a bola rolou pela primeira vez na Bahia

>> POR FERNANDO ESCARIZ

Não foi à toa que a torcida do Bahia fez carnaval quarta-feira à noite na avenida Joana Angélica, o Corredor da Alegria. A multidão que tomou conta dos botequins e das ruas não tinha dúvidas de que o Bahia já era tetracampeão. Vencendo a primeira partida da série final por 2 x 1, o Bahia jogaria domingo pelo empate — muito fácil para a torcida esperar o fim de semana para fazer seu carnaval. E tinha razão: o Bahia entrou em campo para vencer — e venceu de 1 x 0, gol de Beijoca, mergulhando de cabeça para emendar um centro de Jésum aos 35 do primeiro tempo.

E Salvador endoideceu de novo. Mas desta vez o povão tinha a companhia de jogadores, técnicos, cartolas, tomando um rumo diferente: a longa caminhada da Fonte Nova até a Colina Sagrada, até a igreja do Senhor do Bonfim, onde foram agradecer este terceiro tetra do clube.

A festa começara ainda no campo, onde, ao apito final, uma verdadeira multidão ultrapassou o alambrado para abraçar seus heróis. Dizem que houve ordem do governador Roberto Santos para permitir a invasão, mas se viu claramente que vários torcedores apanharam da PM na correria absurda — jogadores se machucaram e o zagueiro Navarro desceu para o vestiário com o sangue jorrando do supercílio. O carnaval varou a noite no clube e nas ruas de todos os bairros, ao som da marchinha "Bahia Campeão dos Campeões" e de uma nova, criada este ano, em cima da música "Taí", de Gilberto de Carvalho: "Vitória/ Eu fiz tudo pra você ganhar de mim/ Dei dois pontos/ Meia classificação/ Mas você/ Nem assim/ Conseguiu ser campeão."

Um título merecido, principalmente pela união e a garra dos jogadores. No domingo, então, o Bahia superou inteiramente o Vitória, que esperava uma retranca e se viu às voltas com um time inteiramente ofensivo, que perseguiu a (o) vitória até conseguir o gol. Depois ficou muito fácil, pois o Vitória teve de jogar com nove em campo — Jorge Valença foi expulso e Ferreti se machucou quando o time já havia feito as duas substituições. Foi tão fácil que o técnico Orlando Fantoni nem temeu pelo coração.

O Corredor da Alegria tem uma tradição histórica na Bahia. Foi ali, na noite de 20 de fevereiro de 1822, que a abadessa Joana Angélica inscreveu seu nome na história — de tal maneira que acabou dando nome à avenida.

Quase 80 anos depois a avenida entraria para a história do futebol baiano. Quem conta é o historiador Aroldo Maia: "A 24 de outubro de 1901 chega da Europa o garoto Zuza Ferreira, que fora aperfeiçoar seus estudos e trouxe consigo uma bola de futebol. A 27 do mesmo mês, no Campo da Pólvora, Zuza introduzia o esporte das multidões entre nós."

O Campo da Pólvora é um belo jardim na avenida Joana Angélica, por onde passam invariavelmente os torcedores — indo ou vindo da Fonte Nova. Na ida, torcedores do Vitória vão por um lado e os do Bahia pelo outro. Na volta, só os vencedores aparecem. Não que os outros deixem de passar por ali; mas passam silenciosamente e desaparecem no meio das comemorações que sempre tomam conta do Corredor da Alegria. A bebedeira é geral, pois a caminhada através da avenida Joana Angélica se interrompe a cada botequim, a partir do Oriental, o primeiro à direita, e do Oli, o primeiro à esquerda, e continuando pelo Peres, o Apetite, o Maria, o Sugar-Sugar ou o Santa Cruz. E a festa entra pela madrugada.

"VITÓRIA/ EU FIZ TUDO PRA VOCÊ GANHAR DE MIM/ DEI DOIS PONTOS/ MEIA CLASSIFICAÇÃO/ MAS VOCÊ/ NEM ASSIM/ CONSEGUIU SER CAMPEÃO"

22/8/76 FONTE NOVA (SALVADOR)

BAHIA 1 X 0 VITÓRIA

J: Carlos Costa; **R:** Cr$ 1 188 544; **P:** 67 359; **G:** Beijoca 35 do 1º; **CA:** Leo Oliveira, Cláudio Deodato e Navarro;
E: Jorge Valença
BAHIA: Joel Mendes, Perivaldo, Zé Augusto (Navarro), Sapatão e Ubaldo; Alberto e Fito; Jorge Campos, Douglas, Beijoca e Jésum. **T:** Orlando Fantoni
VITÓRIA: Andrada, Cláudio Deodato, Joãozinho, Válter e Jorge Valença; Paulo Roberto e Leo Sales (Ferreti); Leo Oliveira, Geraldão (Piau), Fischer e Valdo. **T:** Tim

Fito: terror das defesas
e dos cabeleireiros

O TÍTULO FOI COMEMORADO antes mesmo de o jogo começar: na preliminar, com a vitória do Jequié sobre o Itabuna, a conquista estava assegurada

SALVADOR É UM CARNAVAL SÓ: BAHIA PENTACAMPEÃO

Mesmo antes de começar o jogo principal, o tradicional Ba-Vi, o Bahia conquistava seu segundo pentacampeonato na história

POR FERNANDO ESCARIZ

O Itabuna estava todo no ataque. De repente, a bola sobra no meio de campo, vem o contra-ataque. Rápido, pela ponta. E o cruzamento forte, rasante. Na área, Paulinho escora, de bate-pronto. Gol do Jequié. Começava a festa. Das arquibancadas do estádio da Fonte Nova, os torcedores do Bahia, que acompanhavam a preliminar da última rodada do Campeonato Baiano, podiam explodir de alegria. Mesmo antes de começar o jogo principal, o tradicional Ba-Vi, o Bahia conquistava seu segundo pentacampeonato na história.

Por conta do Jequié?

Claro que não. O Bahia chegava à última fase do campeonato como o grande favorito. Afinal, ganhara as duas primeiras fases. E não foi à toa que a torcida passou a semana se preparando: um trio elétrico contratado, a sede de praia do clube ornamentada, as faixas prontas.

E uma louca euforia que explodiu assim que terminou a preliminar. Com toda a razão: o Itabuna era o único adversário que poderia atrapalhar a festa. Se vencesse o jogo, poderia partir para uma decisão extra, do turno, contra o Bahia.

Uma preocupação que os dirigentes não queriam ter assim que começasse o Ba-Vi. Por isso, os cartolas do Bahia chegaram cedo à Fonte Nova e providenciaram tentadoras promessas aos jogadores do Jequié: um bicho de mil cruzeiros e mais um extra de 5 mil para o goleiro Nélson.

Era preciso? A torcida, com sua inabalável confiança — justificada pelas sucessivas conquistas, pelo próprio futebol que o time vinha apresentando e pelo visível declínio do velho e tradicional rival, o Vitória —, jurava que não.

Mas soube agradecer o Jequié animando o Ba-Vi com uma charanga que não parou de tocar um único momento. Em campo, os jogadores do Bahia faziam o tempo correr curtindo o título; os jogadores do Vitória, em nome da rivalidade, tentavam, unicamente, carimbar a faixa.

Não conseguiram. O 0 x 0 permaneceu teimoso, alheio a toda a festa que corria solta nas arquibancadas. Ainda que, de lado a lado, as chances se sucedessem. Como uma bicicleta de Douglas, que queimou a trave; como um chute de Sena, que Jair espalmou. Mas o lance mais bonito aconteceu no finalzinho. Zé Neto recebeu na entrada da área, deu um chapéu em Amadeu e chutou forte. Gélson defendeu para, minutos depois, o juiz William Batista erguer o braço, encerrar o jogo.

O campo foi invadido, o carnaval esquentou. No gramado, com volta olímpica, heróis disputados e carregados. Na cidade, com uma caminhada até a Colina Sagrada, para agradecer ao Senhor do Bonfim.

"SE O ITABUNA VENCESSE, PODERIA PARTIR PARA UMA DECISÃO EXTRA DO TURNO. POR ISSO, OS CARTOLAS DO BAHIA PROVIDENCIARAM TENTADORAS PROMESSAS AOS JOGADORES DO JEQUIÉ"

25/9/77 FONTE NOVA (SALVADOR)

BAHIA 0 X 0 VITÓRIA

J: William Batista; **R:** Cr$ 617 110; **P:** 31 216; **CA:** Toninho, Piau e Teixeira; **E:** Miltão e Xaxá

BAHIA: Jair, Toninho, Zé Augusto (Jorge Carraro), Sapatão e Edmílson; Baiaco, Giriba (Washington Luís) e Douglas, Miltão, Zé Neto e Jésum. **T:** Carlos Froner

VITÓRIA: Gélson, Cláudio Deodato, Aílton Silva, Amadeu e Jurandir (Teixeira); Xaxá, Dendê e Piau; Silvinho, Sena e Touro (Nem). **T:** Melquisedeque dos Santos

Gélson fechou o gol, diante de Washington Luís. Mas era tarde

O BAHIA SE IGUALAVA ao Náutico como únicos times do Nordeste a ter seis títulos consecutivos no bolso. Mas só depois de muita confusão desnecessária no tapetão

HEXA: NA BOLA E NA MANHA

Foi o 29º título conquistado pelo Bahia, em 48 anos de existência. Gloriosa existência

>> POR CARLOS GONZALEZ

Proclamado campeão de 1978 quarta-feira e cassado na madrugada de sexta, o Bahia pisou na Fonte Nova na tarde do domingo disposto a provar o que todos sabiam de sobra: que era o campeão de fato e de direito. Não deu outra: faturou o Leônico por 2 x 1, é hexacampeão, título que apenas outro time do Norte/Nordeste tem: o Náutico. O time do Bahia mostrou-se maior do que todas as trapalhadas patrocinadas pelos cartolas da Federação, do Leônico e de si próprio — que concordaram em voltar a campo quando a Federação já o havia proclamado campeão.

Ao fim da partida, milhares de torcedores invadiram o gramado, iniciando os festejos, que terminaram na praça fronteira à Igreja do Senhor do Bonfim.

— Foi o primeiro título da minha vida — disse Merica, emprestado no princípio do ano pelo Flamengo.

Ele foi o autor do gol da vitória. Antes, Baiaco — que entregou, a pedido, sua camisa a Saul Mendes, um juiz com ótima atuação — havia assinalado o gol de empate. Baiaco é o mais antigo jogador do elenco, pois começou sua carreira no Bahia, em 1967.

Procurando afastar-se do carnaval promovido pela torcida no vestiário, pela primeira vez Zezé Moreira deixou-se entrevistar após um jogo, desde que voltou à Bahia. Tranquilamente, disse que considerava o Bahia hexacampeão desde a noite de quarta-feira, quando Leônico se recusou ir a campo:

— A partida serviu apenas para a torcida comemorar o título.

E foi para ela, a torcida, que Zezé reservou seu melhor recado: ao contrário do que decidira, não parará com o futebol. Em janeiro, estará de volta, para conduzir o Bahia ao heptacampeonato. Dessa forma, quebrará uma tradição: nos cinco títulos anteriores, o técnico campeão deixou o clube.

Embora só precisasse do empate, o Bahia logo se lançou ao ataque, com jogadas pelas pontas, principalmente pela direita, onde o lateral Toninho, sem ter a quem marcar, postava-se sempre no campo adversário. Na esquerda, Jésum sentia alguma dificuldade para vencer a rígida marcação de Bira.

Aos 36, os refletores se apagaram. O juiz consultou os dois goleiros, que toparam, e o jogo prosseguiu com luz de boate. Não faltaram comentários de que a falta de energia era mais uma manobra de João Guimarães, o presidente do Leônico, responsável pela melação do primeiro jogo decisivo, com a ajuda de Raimundo Viana, presidente da Federação. Quando Saul Mendes apitou o fim do primeiro tempo, a energia reapareceu.

Justamente em seu primeiro chute a gol na partida, aos 5, o Leônico abriu a contagem: Luisinho atirou no alto, à esquerda, sem chance de defesa para Luís Antônio.

Incentivado por sua torcida, aí mesmo é que o Bahia atacou com vontade — e pouco durou a inquietação: aos 10, Baiaco pegou a bola na intermediária, driblou uns e outros, tocou para Beijoca, recebeu dentro da área e sacramentou, como é de lei. Foi aquela festa.

O empate daria o título ao Bahia — mas ninguém o admitia. A palavra de ordem contra as mutretas do cartola era uma só: vitória a qualquer preço. E esta se concretizaria aos 33 minutos, quando Merica, deslocado pela meia direita, chutou forte, inapelavelmente.

"AOS 36, OS REFLETORES SE APAGARAM. O JOGO PROSSEGUIU COM LUZ DE BOATE. NÃO FALTARAM COMENTÁRIOS DE QUE A FALTA DE ENERGIA ERA MAIS UMA MANOBRA DO PRESIDENTE DO LEÔNICO"

17/12/78 FONTE NOVA (SALVADOR)

BAHIA 2 X 1 LEÔNICO

J: Saul Mendes; **R:** Cr$ 789 670; **P:** 27 456; **G:** Luisinho 5, Baiaco 10 e Merica 33 do 2º; **CA:** Baiaco e Cazumbá

BAHIA: Luís Antônio, Toninho, Zé Augusto, Sapatão e Batista; Baiaco, Fito (Valdo) e Douglas (Merica); Washington Luís, Beijoca e Jésum. **T:** Zezé Moreira

LEÔNICO: Iberê, Bira (Wílson Portugal), Fernando Silva, Newton e Tinteiro; Cazumbá, Paulo Roberto e Luís Ferreira; Luisinho, Evilásio (Jaldemir) e Chiquinho

Hexacampeão: o Bahia pôs os adversários a seus pés

AO CONQUISTAR MAIS UM TÍTULO em sua carreira de cinco décadas, derrotando o irmão Aymoré, Zezé Moreira anunciava a despedida do futebol. O que tornou a festa do Bahia ainda mais comovente

OBRIGADO, ZEZÉ!

Obrigado, Zezé, por seus 50 anos de dedicação ao futebol brasileiro. Obrigado, Zezé, por se despedir com um título consagrador, o heptacampeonato do Bahia. Obrigado, Zezé, por perdoar as vaias da torcida, descrente até a hora da decisão com o vitória

>> **POR ROQUE MENDES**

"Fique! O senhor é o maior do mundo!" Ajoelhado aos pés de aos pés de Zezé Moreira, o comerciante Édson Morais expressava o desejo de toda a torcida do Bahia. Zezé manteve-se impassível, no mesmo túnel onde precisou de proteção policial para livrar-se dos objetos atirados por enfurecidos torcedores.

Édson tirou uma corrente do pulso, colocou no do treinador:

— Leve como lembrança.

— Muito obrigado — foi o lacônico agradecimento.

A seguir, chegava o preparador Nelsinho Meneses, com 20 policiais, para livrar o veterano técnico (72 anos) dos que o assediavam. Logo surgiu a idéia de carregá-lo em triunfo, repelida por Zezé de forma sucinta:

— Estou muito velho.

Protegido pelos policiais, Zezé entrou no túnel e, com ele, mais de 50 anos de futebol — como jogador que poderia ser apenas classificado de durão e como técnico sempre vitorioso.

No vestiário, o primeiro a abraçá-lo foi o central Sapatão:

— Muito obrigado, seu Zezé. Obrigado de todo o coração.

— Os méritos são de vocês. Fui apenas um orientador, um conselheiro.

Sapatão teria boas razões para o agradecimento. Afinal, heptacampeão pelo Bahia, ele conquistou três títulos sob a batuta do mestre Zezé: o tri de 1975, invicto; o hexa, de 1978, da mesma forma; o hepta foi sofrido, Zezé quis mesmo abandonar o clube em plena disputa.

— Não, não foi por causa das vaias da torcida, que não aconteciam pela primeira vez em minha carreira — esclareceu Zezé. — Mas quando minha mulher passou a ser ameaçada pelo telefone, pensei em largar tudo.

Não foi fácil aturar os xingamentos da torcida, ser alvo de toda sorte de objetos, ver a mulher ameaçada. Mais difícil ainda foi levar o Bahia ao título diante de um Vitória motivado, de um Leônico que incomodava e até de um Itabuna que surpreendia:

— Duro mesmo foi colocar 32 times diferentes em campo em 35 jogos. Mas nunca deixei de confiar, pois quem trabalha com um objetivo tem de ser otimista. Eu trabalhei muito.

Os dirigentes do Bahia haviam programado uma série de homenagens para Zezé Moreira — polidamente, ele as recusou. Concordou apenas em participar do jantar em comemoração ao hepta:

— No futebol, quando você perde não vale nada; quando ganha é herói. Agora vou brincar com os meus netos.

"NÃO FOI FÁCIL ATURAR OS XINGAMENTOS DA TORCIDA, SER ALVO DE TODA SORTE DE OBJETOS, VER A MULHER AMEAÇADA. MAIS DIFÍCIL AINDA FOI LEVAR O BAHIA AO TÍTULO"

28/9/79 FONTE NOVA (SALVADOR)

BAHIA 1 X 0 VITÓRIA

J: Arnaldo César Coelho (RJ); **R:** Cr$ 2 258 800; **P:** 4 591; **G:** Fito 15 do 2º

BAHIA: Luís Antônio, Toninho, Zé Augusto, Sapatão e Romero (Edmílson); Baiaco, Peres e Douglas; Botelho, Caio e Gílson (Fito). **T:** Zezé Moreira

VITÓRIA: Gélson, Válder, Xaxá, Zé Preta e Eraldo; Édson Silva, Otávio Souto e Dendê (Carlinhos); Sena, Jorge Campos (Zé Júlio) e Monteiro. **T:** Aimoré Moreira

Zé Augusto não alivia na dividida: contra o Vitória tinha que ser assim

O TRICOLOR PRECISAVA DERROTAR o rival pernambucano por cinco gols para passar à fase seguinte do Brasileiro. Foi um jogo antológico

QUE LOUCURA, BAHIA!

Salvador, com justa razão, transformou a Quaresma num lindo, tocante, carnaval

>> POR ROQUE MENDES

Quem é Bahia é feliz. Que venha o Flamengo, com sua força e seus nomes da Seleção. Nada poderá apagar a emoção do histórico 5 de abril, um domingo em que 28 378 torcedores presentes à Fonte Nova presenciaram um desses milagres só possíveis no futebol. E num time com as tradições do Bahia. E em jogadores cheios de garra e amor próprio.

O artilheiro Dadá, do Santa Cruz, chegou a Salvador anunciando que marcaria "o gol ACM" e desafiando: "Meter cinco gols no Santa será o mesmo que acertar na quina da Loto."

E não é que a quina aconteceu, para assombro dos próprios pernambucanos? O primeiro gol, de Gílson ao cobrar falta, eles aceitaram como normal. O segundo, um violento arremate de Gílson, também.

O terceiro, de Dirceu, preocupou. O quarto, de Toninho Taino, levou a defesa do Santa ao desespero. Faltando poucos minutos para o final, a galera do Bahia estava à beira do delírio. O torcedor Lourinho, que colocara farofa de azeite de dendê em vários lugares do gramado, gritava e chorava.

Então, Taino fez o quinto. A Fonte Nova quase veio abaixo. Uma vitória que valeu um campeonato, uma decisão. Como a também histórica conquista da Taça Brasil, em 59, quando o Bahia bateu o Santos de Pelé na Vila Belmiro e no Maracanã.

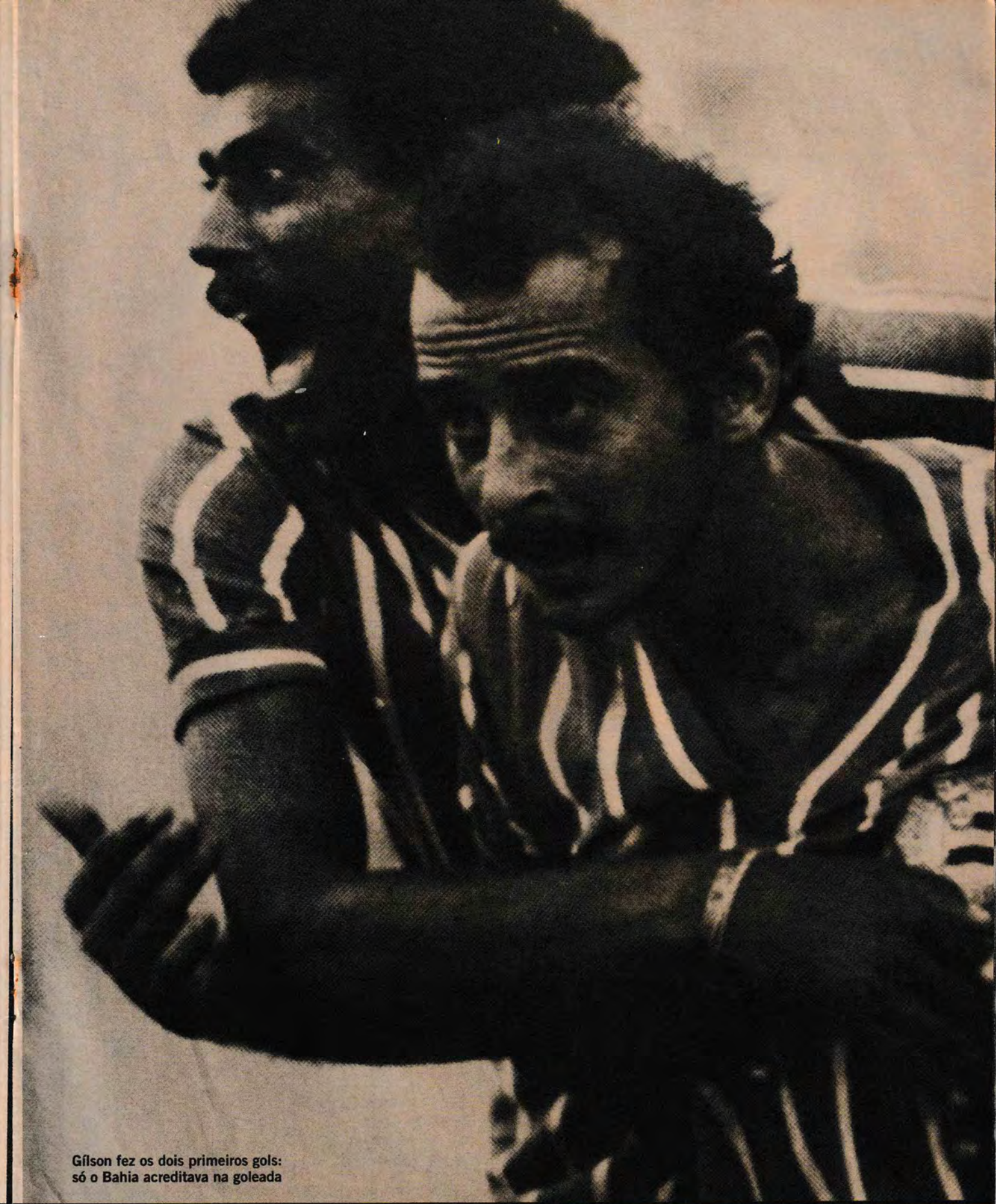
— Eu dizia que era difícil, mas não impossível — gaguejava o emocionado Aimoré Moreira, que armou o time para golear. Hílton Chaves, técnico do Santa, não tinha explicações para uma queda tão acachapante.

Anoiteceu, e as ruas se encheram de torcedores, que reviveram em plena Quaresma o carnaval de samba, suor e cerveja. Bandeiras com as cores vermelha, azul e branca coloriram o centro da cidade. A nação tricolor estava em festa. Uma festa que resgatou a humilhação da descida à Taça de Prata. Ser Bahia é ser feliz.

"O ARTILHEIRO DADÁ, DO SANTA CRUZ, CHEGOU A SALVADOR DESAFIANDO: 'METER CINCO GOLS NO SANTA SERÁ O MESMO QUE ACERTAR NA QUINA DA LOTO'"

5/4/81 FONTE NOVA (SALVADOR)

BAHIA 5 X O SANTA CRUZ

J: Carlos Sérgio Rosa Martins (RS); **R:** Cr$ 4 118 250; **P:** 28 378; **G:** Gílson 4 e 13 e Dirceu 43 do 1º; Toninho Taino 22 e 40 do 2º
BAHIA: Renato, Edinho, Zé Augusto, Édson Soares e Ricardo Longhi; Washington Luís, Emo e Leo Oliveira; Toninho Taino, Dirceu e Gílson. **T:** Aimoré Moreira
SANTA CRUZ: Wendell, Celso Augusto, Silva (Pedrinho), Alfredo e Hílton Brunis; Deinho (Wilson), Baiano e Carlos Roberto; Agnaldo, Dario e Joãozinho.
T: Hílton Chaves

Gílson fez os dois primeiros gols:
só o Bahia acreditava na goleada

O TIME COMEÇOU BEM o campeonato, mas caiu de produção. Na decisão, o Vitória saiu na frente, mas a virada veio com dois gols em dois minutos

O CINQUENTÃO É UMA GLÓRIA

Os 2 x 1 contra o Vitória, numa virada de muita raça, deram à torcida o que ela tanto sonhava: o campeonato do cinqüentenário, uma proeza conquistada com classe, técnica e muito amor à camisa

>> **POR ROQUE MENDES**

Está restabelecida a rotina no futebol baiano. Domingo passado, com uma virada de raça, o Bahia conquistou o 31º título baiano em 50 anos de vida. E esse título, como acontecera com o da inesquecível Taça Brasil de 1959, entrará para a história do clube — afinal, ele se preparara justamente para ser o campeão do seu cinqüentenário.

Depois de algumas incertezas, motivadas pela má campanha no segundo turno, o time deu a volta por cima e, levado pelo espírito de vencedor do eterno Dario, derrotou o Vitória por 2 x 1. Sua torcida simplesmente enlouqueceu — ela que conseguiu bater o recorde de renda e de público na Fonte Nova. Saiu dali em solene caminhada até a colina sagrada da Igreja do Senhor do Bonfim, para depois cair numa farra profana que varou a madrugada.

Foi, antes de tudo, uma conquista justa. Afinal, em 39 partidas, o Bahia ganhpu 25, empatou oito e só perdeu seis.

— Merecemos por tudo — resumiu Dario a caminho do vestiário, alegre como uma criança. — E essa foi minha melhor partida desde que cheguei, não?

Sum. Descontando-se os compreensíveis exageros da euforia, ele se constituiu num dos responsáveis pelo triunfo. Deu o magnífico passe para Gílson desempatar, esnobou a defesa adversária e ainda catimbou a expulsão de Xaxá, levando o Vitória a ficar com dez jogadores logo no começo do segundo tempo.

Dario, Leo, Osni, Gílson, enfim, todo o time jogou bem, mesmo quando sofreu o primeiro gol, marcado por César.

— Mas não nos faltou tranqüilidade, pois o empate nos favorecia — lembrava Gílson, um dos heróis do jogo. — Sem afobação, liqüidamos o Vitória.

De sua parte, o treinador Aimoré Moreira, bastante criticado durante a crise passageira da equipe, tinha uma razão muito especial para festejar:

— Sempre fui vice na minha carreira, dirigindo clubes, embora tenha sido campeão mundial. Agora ganho meu primeiro campeonato regional. mas acho que só demorou porque eu nunca havia treinado o Bahia.

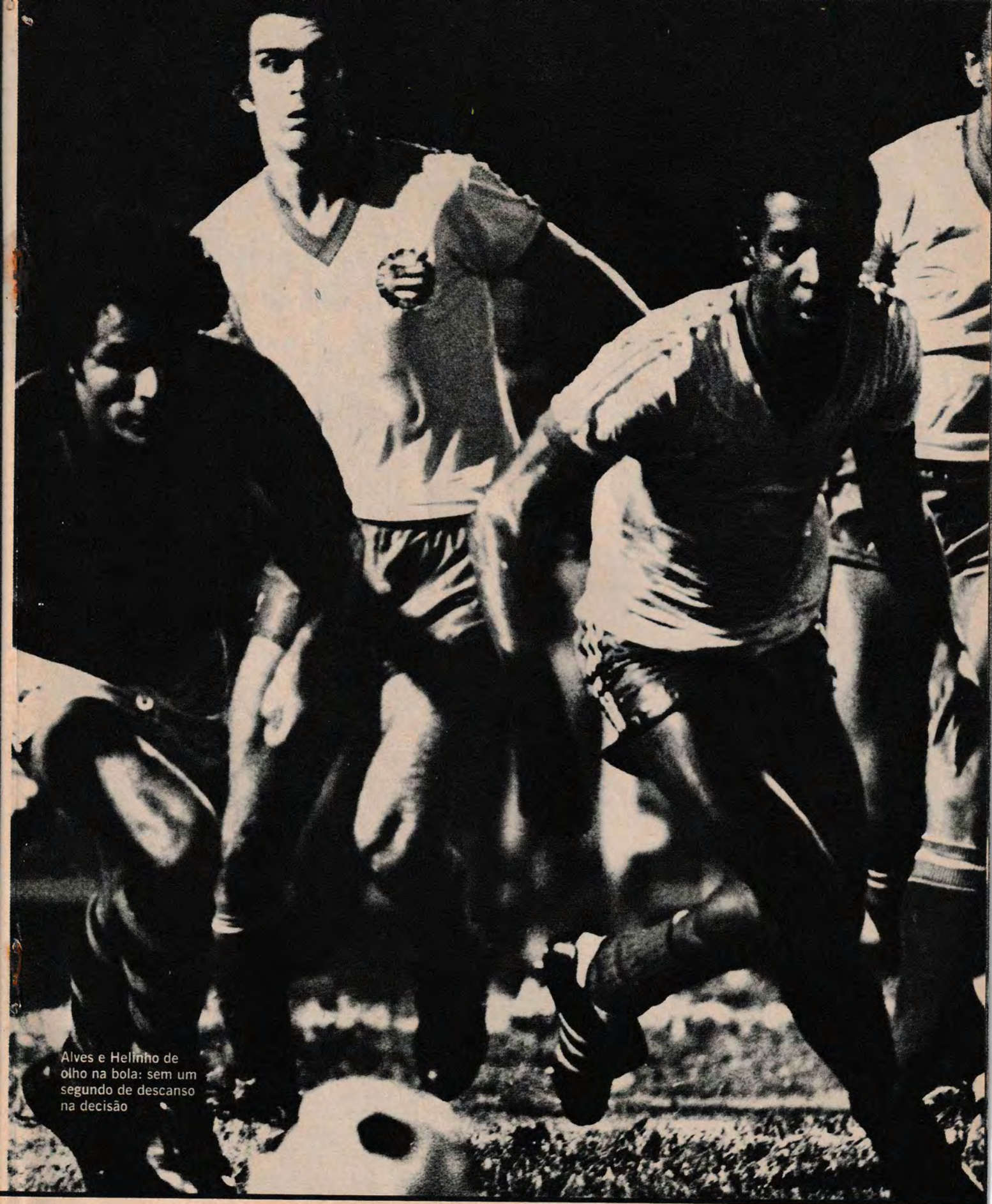
Realizado, no vestiário Aimoré até admitia abandonar a carreira. Será difícil. Desde já pensando no bi, o Bahia quer que ele fique.

Dario, porém, ainda não cogita disso. Findo o jogo, ele fez questão de cumprimentar o árbitro uruguaio Roque Cerullo — o mesmo que na segunda-feira passada dirigira em Montevidéu a decisão da Libertadores — e anunciou pelos microfones:

— Só me falta ser campeão do Brasil pelo Bahia.

No feliz domingo de Salvador, ninguém duvidava do Rei Dadá.

"O BAHIA DEU A VOLTA POR CIMA, LEVADO PELO ESPÍRITO DE VENCEDOR DO ETERNO DARIO. SUA TORCIDA SIMPLESMENTE ENLOUQUECEU — ELA QUE CONSEGUIU BATER O RECORDE DE RENDA E DE PÚBLICO NA FONTE NOVA"

29/11/81 FONTE NOVA (SALVADOR)
BAHIA 2 X 1 VITÓRIA
J: Roque Cerullo (Uruguai); **R:** Cr$ 26 103 700; **P:** 87 117; **G:** César 29 do 1º; Osni 7 e Gílson 8 do 2º; **CA:** Alexandre, Édson Soares, Geraldo, Sídnei e Gílson; **E:** Xaxa 17 do 2º
BAHIA: Renato, Alves, Zé Augusto, Geraldo e Washington; Édson Soares, Helinho e Léo Oliveira (Emo); Osni, Dario (Careca) e Gílson. **T:** Aimoré Moreira
VITÓRIA: Ivã, Sídnei, Xaxa, Alexandre Neto e Marquinhos; Édson Silva, Carlos Procópio e Marinho; Fumanchu (Zé Augusto 18 do 2º), César (Marcão 35 do 2º) e Aladim. **T:** Carlos Froner

Alves e Helinho de olho na bola: sem um segundo de descanso na decisão

DADÁ MARAVILHA estava de volta ao Bahia para conquistar mais um estadual. Mas o herói da torcida tricolor foi mesmo o machucado Osni

BAHIA: UM BI IRRESISTÍVEL!

Foram 33 vitórias, 15 empates, 91 gols: invicto!

>>POR WASHINGTON DE SOUZA FILHO

A vitória de 1 x 0 contra o Galícia, domingo, apenas confirmou o título que todos davam como certo desde o início do ano. Colorida de vermelho, azul e branco, Salvador pegou fogo. Contratar um trio elétrico para alegrar a festa do título, uma semana antes da final, pode parecer pretensão ou excesso de confiança, mas não para o Bahia, diziam seus torcedores. Afinal, desde o início do campeonato, nenhum dos adversários mostrou condições de evitar o que parecia predestinado — e, depois de 48 jogos, nenhuma derrota, 33 vitórias, 15 empates, 91 gols a favor, 18 contra, o Bahia foi campeão baiano invicto de 1982.

A única ameaça surgiu quando o Galícia reagiu e classificou-se para a final. Mas agora, ao contrário do que aconteceu em 1967, quem jogou pelo empate foi o Bahia. Naquele ano, o Galícia também perdeu, numa melhor-de-três; agora, bastou uma.

Domingo, Salvador amanheceu fantasiada de vermelho, azul e branco, e à tarde o estádio da Fonte Nova (com 50 087 espectadores e renda de 14 milhões de cruzeiros) era todo Bahia. Em campo, uma homenagem enlouqueceu de vez a galera: perna direita engessada até a coxa, apoiado num par de muletas, o ponta-direita Osni foi carregado até o centro do gramado por seus companheiros, para posar na foto do time. Vice-artilheiro do Campeonato Baiano com 18 gols (um a menos que seu companheiro Leo Oliveira), Osni, 30 anos, está afastado da equipe desde setembro, quando sofreu uma lesão no joelho direito — o mesmo onde, antes, já fizera quatro cirurgias. Na semana passada, Osni teve que fazer ali uma raspagem. "Foi semelhante à que Reinaldo fez nos Estados Unidos", explica Osni. "A única diferença é que eu fui operado na Bahia mesmo."

Contrariando as determinações do árbitro ("Ele que venha me tirar daqui", desafiava), Osni sentou-se em uma cadeira atrás das traves do goleiro Ronaldo e, dali, viu Róbson fazer o gol da vitória aos 18 minutos do 1º tempo: era o "Gol Osni", segunda homenagem do time ao baixinho, que confessou: "Estou muito emocionado. É difícil um jogador ser querido pelos companheiros como eu sou."

Dentro de campo, Dario fez o resto da festa. Fora do time há dois meses, durante a semana ele não deixava por menos em suas declarações ("Sou um homem predestinado. Não vou ficar de fora dessa decisão"), e no vestiário, antes da partida, foi escalado pelo técnico Carlos Frôner no lugar de Ricardo Silva. Quando viu Dadá entrar em campo, a torcida quase não acreditou: em 20 partidas, muitas delas não jogando mais que 15 minutos, Ricardo (27 anos, ex-Botafogo-RJ, ex-Atlético-MG, ex-América de São José do Rio Preto, ex-Fluminense-BA e ex-Bahia, em 1978) fez 11 gols no campeonato, seis a mais que Dario.

"Hoje, era melhor mesmo escalar o Dadá", explicava depois Frôner. "Mais experiente, ele atrapalhou os zagueiros do Galícia, só não fez o gol."

O segundo tempo ainda ia pela metade quando a torcida começou a comemorar o título já dado como certo, com o trio elétrico tocando alto no estacionamento do estádio. Faltavam ainda três minutos para o apito final quando a galera em festa invadiu o campo, o que deu origem a 50 minutos de paralisação, durante os quais a polícia ajudada pelos próprios jogadores do Bahia) teve muito trabalho para evacuar o gramado. Quando a partida recomeçou, o Bahia tinha até novo uniforme: o anterior virara lembrança nas mãos dos milhares de torcedores.

> "UMA HOMENAGEM ENLOUQUECEU DE VEZ A GALERA: PERNA DIREITA ENGESSADA ATÉ A COXA, APOIADO NUM PAR DE MULETAS, O PONTA-DIREITA OSNI FOI CARREGADO PARA POSAR NA FOTO DO TIME"

28/11/82 FONTE NOVA (SALVADOR)

BAHIA 1 X O GALÍCIA

J: Manuel Serapião Filho; **R:** Cr$ 14 012 200; **P:** 50 087; **G:** Róbson 18 do 1º

BAHIA: Ronaldo, Edinho, Zé Augusto, Édson Soares e Washington Luís; Helinho, Emo e Leo Oliveira; Sena, Dario (Ricardo Silva) e Róbson (Tadeu).

T: Carlos Frôner

GALÍCIA: Ferreira, Djalma, Monteiro, Luís Carlos e Tica; Amauri, Binha e Zé Raimundo (Juarez); Osmar, Mica e Jurandir (Cláudio).

T: Aimoré Moreira

Dario cercado pela massa:
a festa estava só começando

O BAHIA estabeleceu naquele ano um recorde de invencibilidade que até hoje não foi batido. PLACAR analisava a série quando ela chegou a 53

NINGUÉM PÁRA O BICAMPEÃO

Dois dias depois de conquistar o título, o Bahia estava novamente em campo, treinando duro para manter a forma. Eis o segredo de um time sério e imbatível em seu Estado

>> POR WASHINGTON DE SOUZA FILHO

Pode parecer incrível, mas houve um momento no Campeonato Baiano de 1982 em que o título passou a ser uma questão secundária. De fato, convencidos de que seria impossível evitar o novo triunfo do Bahia, seus adversários concentraram esforços em outro objetivo: quebrar a longa série invicta do rival.

Nada menos que 11 times se empenharam nesta árdua tarefa — e todos fracassaram. Assim, no último dia 28, ao derrotar o Galícia por 1 x 0, o Bahia não só garantiu a conquista do bicampeonato estadual como também completou 52 partidas invicto, chegando à 53ª na quinta-feira passada, depois de vencer um amistoso contra o Sport, em Salvador, por 1 x 0.

Com suas 38 vitórias e 15 empates acumulados nos últimos sete meses, o tricolor baiano supera em uma partida a famosa invencibilidade do Botafogo do Rio, que abrangeu parte do Campeonato Carioca de 1977 e parte do Brasileiro de 1978. Eufórica com a realização de tantas façanhas, a torcida se enche de prazer ao lembrar que, só nesta campanha, venceu três dos cinco confrontos contra o rival Vitória — o último dos quais por irrefutáveis 3 x 0. Retrospecto pior só mesmo o do Redenção, que enfrentou o campeão oito vezes, perdeu todas, levou 31 gols e marcou um.

Heróis não faltaram na epopéia do Bahia. Do habilidoso Emo ao experiente Sena, passando pelo incrível Dario, pelo esperto Osni e culminando com o meia Leo Oliveira, artilheiro (19 gols) e cérebro do time, todos tiveram participação decisiva neste título.

Da mesma forma, há que se reconhecer também os méritos de Carlos Frôner — um gaúcho muito bem conservado para os seus 63 anos. Tido pelos jogadores como um técnico duro, é, porém, incapaz de cometer a menor injustiça. "Os adversários passaram todo o tempo esperando a nossa derrota, mas nós os enganamos: o título sempre foi o nosso principal objetivo", revela Frôner, campeão baiano pela terceira vez (as outras duas foram em 1977, pelo próprio Bahia, e em 1980, pelo Vitória).

Conseqüência direta do excelente desempenho no regional, o Bahia fez projeções otimistas para a Taça de Ouro. Acredita mesmo que poderá até superar a melhor colocação que já alcançou em certames nacionais: o quinto lugar de 1978 (sem contar a vitória na Taça Brasil de 1959). Frôner topa o desafio. Mesmo porque não está satisfeito com o item de seu currículo que registra o terceiro lugar no Torneio Roberto Gomes Pedrosa de 1967 (pelo Grêmio) e o quarto lugar no Brasileiro de 1975 (pelo Santa Cruz). Qualquer colocação mais honrosa que estas duas pode significar o pretexto que ele persegue para encerrar gloriosamente sua carreira.

Uma coisa pelo menos é certa: se depender apenas de dedicação e força de vontade, o Bahia tem tudo para prolongar ainda mais sua série invicta e sua fase de grandes conquistas. Terça-feira da semana passada, apenas dois dias depois de levar o bi estadual, o time todo estava treinando duro para não perder a forma. Ofegante, o capitão Leo Oliveira desafiava: "Que time do Brasil treina desse jeito poucas horas depois de ser campeão? Nós treinamos." Por isso, os grandões que se segurem: nesta Taça de Ouro, o Bahia vai estraçalhar.

"COM SUAS 38 VITÓRIAS E 15 EMPATE, O TRICOLOR BAIANO SUPERA A FAMOSA INVENCIBILIDADE DO BOTAFOGO DO RIO, ENTRE 1977 E 1978"

HIPÓLITO PEREIRA

Dario: um dos responsáveis pela invencibilidade

A CATUENSE do técnico Paulinho de Almeida foi a zebra do campeonato daquele ano. Mas o Bahia chegaria ao quarto tri de sua história com uma vitória por 1 x 0

TRI!

Ao conquistar uma difícil vitória em Alagoinhas, o tricolor apenas confirmou a sua bela campanha durante o campeonato, apesar do grande susto nos jogos finais

>> POR WASHINGTON DE SOUZA FILHO

O trio elétrico contratado — e emudecido desde domingo retrasado, por causa da frustrante derrota de 2 x 0 para a mesma Catuense na Fonte Nova — não tocou. E a distância entre Alagoinhas e Salvador — 108 km — impediu a tradicional passeata comemorativa até a Igreja do Senhor do Bonfim. Previamente arrumada para uma grande festa à beira da piscina, na semana passada, a sede do clube nem foi aberta.

Finalmente campeão baiano, depois de ganhar da Catuense por 1 x 0 na quarta-feira passada à tarde (gol de Emo, aos 9 minutos do segundo tempo), o Bahia nem festejou seu título — que, a rigor, só contém um aspecto significativo: é o quarto tricampeonato da história, depois dos de 1947,48 e 49; 1958, 59 e 60; e 1973, 74 e 75.

Mas, se a campanha foi fácil, chegou a haver um certo temor nas finais. Em 1972, dirigindo o Vitória, o mesmo técnico Paulinho de Almeida — contratado por três meses pela Catuense, a 3 milhões de cruzeiros mensais — havia pregado no Bahia idêntica peça à que tentava repetir agora, 11 anos depois. Naquele ano, o Bahia precisava de apenas dois pontos em duas partidas para ser campeão — mas Paulinho ganhou as duas vezes e o título ficou com o Vitória.

"Vamos vencer", prometeram os jogadores ao presidente Paulo Maracajá, numa reunião realizada depois da derrota de domingo. Era, afinal, quase uma obrigação, já que o time fora, disparado, o melhor do campeonato: em 47 jogos, 28 vitórias, 12 empates e sete derrotas, com 69 gols a favor (seu ponta-direita Osny, com 23 anos, foi o artilheiro). E apenas 19 contra (seu goleiro Ronaldo acabou como o menos vazado).

Se a taça estava à mão desde o início, foi preciso muita aplicação por parte do elenco para que ela fosse conquistada. E nesse aspecto sobressaiu o capitão Leo Oliveira, 34 anos. Jogando o ano inteiro em más condições físicas, pois uma injeção mal aplicada lhe causou um ferimento de 25 cm no braço direito, Leo desdobrou-se em campo, correndo como um juvenil, apesar dos 6 quilos acima do peso normal.

"Este é o título mais importante da minha carreira", confessava na manhã de quinta-feira passada, dirigindo com dificuldade seu Opala devido à lesão sofrida na final. "Apesar de meus dois Campeonatos Paulistas pelo Santos, e do meu bi aqui no Bahia, o que eu sofri com o meu ferimento valorizou esta conquista."

A fibra de Leo contagiou seus companheiros. E, aos 23 minutos do segundo tempo, em Alagoinhas, quando saiu de campo vitimado por uma ruptura de hérnia, deixou na equipe uma lição de amor à camisa e consciência profissional. "Fora daqui, todos têm impressão de que ganhamos fácil o campeonato", reclama. "Mas quem está lá dentro sabe das dificuldades. Bom é jogar contra o Flamengo no Maracanã. Eu quero ver é os grandes times brasileiros enfrentarem o Serrano em Vitória da Conquista, ou a Catuense em Alagoinhas."

O título coroou também o trabalho do treinador Florisvaldo Barreto, 51 anos, funcionário do Bahia há 29. Lateral-esquerdo do time campeão da Taça do Brasil em 1959, Florisvaldo era auxiliar do técnico Paulo Amaral, a quem substituiu. Na derrota de domingo retrasado, foi acusado publicamente por Emo de tê-lo tirado do time aos 30 minutos do segundo tempo só para arranjar um jeito para seu filho Raimundinho jogar. Para lavar a roupa suja, houve uma reunião entre ele e os jogadores — e todos saíram fortalecidos, unidos e dispostos a lutar pelo título. "Florisvaldo foi importante porque é um homem de diálogo", elogiaram seus comandados.

"LEO OLIVEIRA JOGOU O ANO INTEIRO EM MÁS CONDIÇÕES FÍSICAS, POIS UMA INJEÇÃO MAL APLICADA LHE CAUSOU UM FERIMENTO DE 25 CM NO BRAÇO DIREITO"

14/12/83 A.CARNEIRO (ALAGOINHAS)
CATUENSE 0 X 1 BAHIA
J: Nei Andrade Nunesmaia;
R: Cr$ 4 160 000; **P:** 6 643; G: Emo 9 do 2º;
CA: Héber e Roberto Nascimento
CATUENSE: Gélson, Zanata, Guaraci, Otávio e Tião (César); Roberto Nascimento, Pirulito e Dendê; Fernando, Beca (Boca) e Orlando. **T:** Paulinho de Almeida
BAHIA: Ronaldo, Edinho, Williams, Édson Soares e Paulo César; Helinho, Léo Oliveira (Sales) e Emo; Osni, Héber e Róbson (Washington Luís). **T:** Florisvaldo Barreto

Helinho, contra o Vitória: bola e campeonato sob controle

JÁ ERAM 11 TÍTULOS em 12 anos. Mas esta teve uma novidade: o time foi campeão com um técnico-jogador no comando, o ponta-direita Osni

GRANDE OSNI

O pequenino ponta do Bahia assumiu o comando técnico do time e garantiu o tetracampeonato

Quando o técnico Zé Duarte resolveu deixar o Bahia, desiludido com o time após uma derrota para a Catuense no final do segundo turno, o ponta-direita Osni entrou na sala do presidente Paulo Maracajá e lançou o desafio: "Eu posso dirigir a equipe e sou campeão com este elenco."

Foi uma tempestade. Jornais, rádios e televisões criticaram duramente o jogador pela ousadia de acumular as duas funções. A coisa pesou até mesmo em casa: sua mulher, Eliana, também foi contra e demorou a aceitar a decisão de Osni de assumir o comando técnico do time.

Mas, na quarta-feira da semana passada, a Bahia inteira teve de curvar-se diante do baixinho e atrevido ponta-direita tricolor. Com uma goleada de 4 x 1 sobre o Leônico, o Bahia ganhou o tetracampeonato e Osni desabafou: "Dedico este título aos que me denegriram e me ofenderam."

Sobraram razões para festa. A goleada começou com um gol contra de Toninho e foi construída com belíssimos gols de Leandro — de bicicleta —, Ademir Patrício e, claro, Osni. Assim, o técnico do Bahia terminou a temporada como artilheiro do time e vice-artilheiro do campeonato, com 14 gols.

Mas, estranhamente, foi um título comemorado com poucas festas. Nem mesmo a tradicional caminhada até o pátio da Igreja do Senhor do Bonfim, para agradecer o título, teve a participação dos jogadores. Eles preferiram reunir-se no bar do goleiro Ronaldo, na Pituba, para homenagear o técnico e companheiro de time.

E até a Fonte Nova teve um dia de pouca festa, pois apenas 9 426 torcedores foram ver a partida. A desanimada comemoração do 34º título de campeão e quarto tetra conquistado pelo Bahia em 53 anos de vida espelha a monotonia estabelecida no futebol estadual pela performance do clube, que perdeu apenas dois campeonatos de 1970 para cá: o de 1972 e o de 1980, ambos para o Vitória. "Se a decisão fosse contra o Vitória, a animação seria diferente", sonhava o centroavante Ademir Patrício.

Mas esse acúmulo de glórias locais não satisfaz à torcida — o que serve também para explicar sua fuga dos estádios. Os torcedores do Bahia querem ser grandes no futebol brasileiro e ainda não esqueceram a campanha vexatória do time na última Copa Brasil. Por isso, em frente à Igreja do Senhor do Bonfim, mais que alegria, eles mostravam seu protesto: "Por um time melhor no nacional", reivindicava uma faixa.

Nada disso, no entanto, tirou a justa alegria de Osni: "Este é o título mais importante da minha carreira", garante o ponta, que começou no Santos e jogou também no Flamengo. Durante o campeonato, ele chegou a esmorecer diante das pressões e pensou em deixar o time para se dedicar apenas ao comando técnico. Foi a vez de a mulher Eliana dar uma força, como conta Osni: "Ela disse que tinha sido contra eu assumir o cargo de técnico, mas que não ia concordar comigo em desistir de tudo."

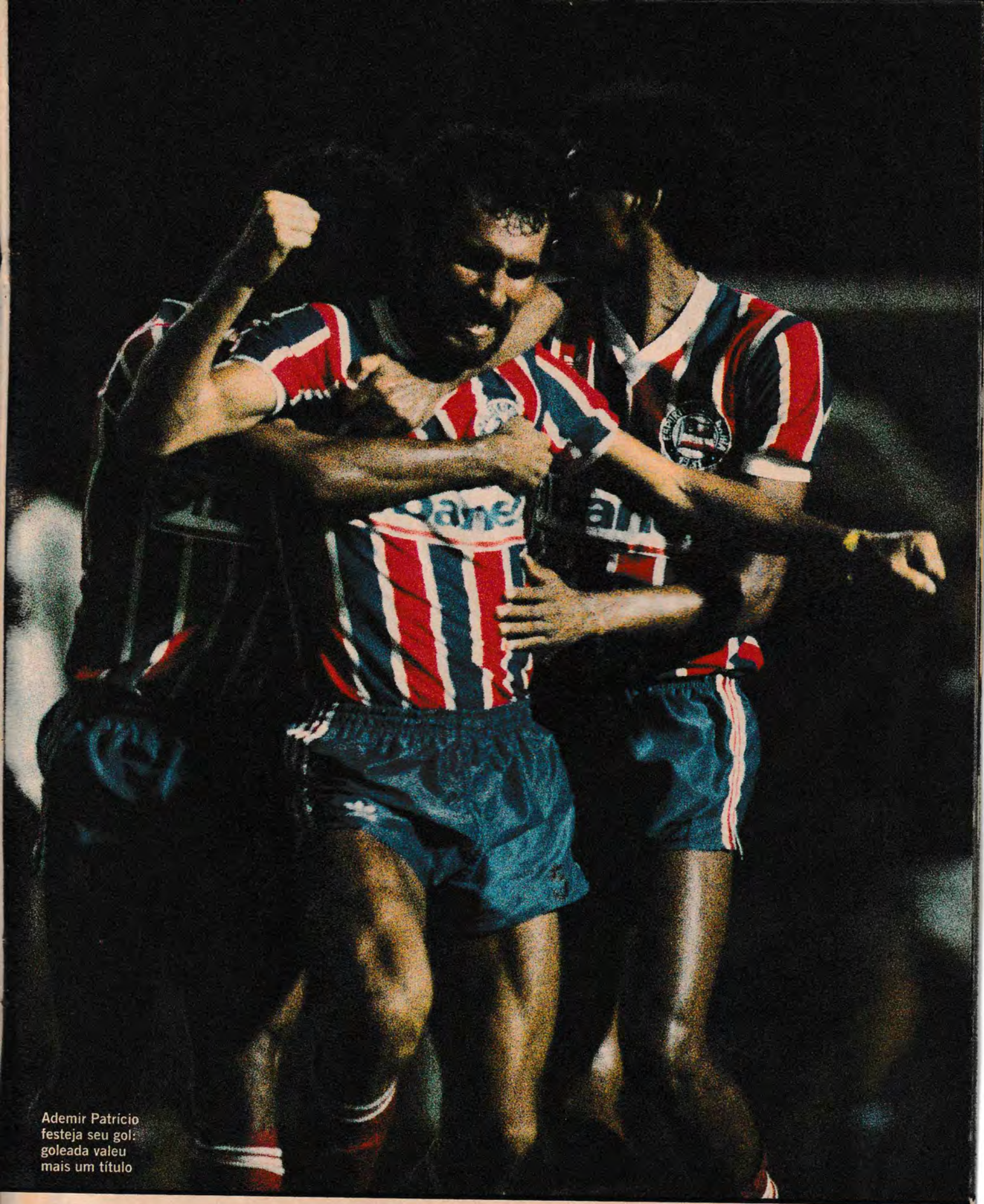
"A DESANIMADA COMEMORAÇÃO ESPELHA A MONOTONIA ESTABELECIDA NO FUTEBOL ESTADUAL PELA PERFORMANCE DO CLUBE, QUE PERDEU APENAS DOIS CAMPEONATOS DE 1970 PARA CÁ"

16/12/84 FONTE NOVA (SALVADOR)

BAHIA 4 X 1 LEÔNICO

J: Garibaldo Matos; **R:** Cr$ 24 346 500; **P:** 9 426; **G:** Toninho (contra) 20 e Leandro 41 do 1º; Ademir Patrício 6, Ronaldo 19 e Osni 24 do 2º; **CA:** Edinho, Sales, Leandro e Toninho; **E:** Ricardo Longhi 36 do 2º

BAHIA: Ronaldo, Edinho, Amadeu, Édson Soares e Miguel; Sales, Leandro (Marinho) e Emo; Osni, Ademir Patrício (Lúcio Santarém) e Róbson. **T:** Osni Lopes

LEÔNICO: Ferreira, Toninho, Monteiro, Washington Luís (Zé Carlos) e Ricardo Longhi; Renato, Hamílton e Douglas; Ronaldo, Rubens (Édson) e Sivaldo. **T:** Fito Neves

Ademir Patrício festeja seu gol: goleada valeu mais um título

DISPOSTO A RECUPERAR a hegemonia estadual, o clube montou um supertime, onde um dos destaques era a revelação Bobô

UM CASO DE PAIXÃO

Dono da maior torcida do estado, o clube mantém um elenco milionário, bate recordes de renda e ainda comemora o 35º título em 55 anos

>> **POR WASHINGTON DE SOUZA FILHO**

Jorge Amado, o celebrado escritor baiano, integrava a comitiva do presidente José Sarney em viagem a Portugal, no mês passado. Antônio Carlos Magalhães, ministro das Comunicações, transitava entre Brasília e Salvador, mergulhado nos assuntos de sua pasta e já voltado para a próxima campanha eleitoral, que só ganhará as ruas depois desta Copa do Mundo. E, involuntariamente, ambos foram poupados de um novo aborrecimento: não assistiram, desta vez, a uma festa que se repetiu 35 vezes nos últimos 55 anos.

Por certo, testemunhar outro título do Bahia não seria nada agradável para o escritor, dedicado torcedor e um dos primeiros sócios do Ypiranga, nem para o político, um discreto conselheiro do Vitória, o arquiinimigo do tricolor.

Nenhum deles, contudo, está livre de ouvir, na Cidade Baixa ou na Cidade Alta, tudo o que aconteceu nas duas últimas semanas de maio. Foram cenas inesquecíveis, como a do técnico Orlando Fantoni, 66 anos, nos braços dos jogadores no final do empate por um gol com o Vitória, domingo retrasado, ou a coroação de Cláudio Adão, o maior artilheiro baiano dos últimos oito anos, com 27 gols. O estádio da Fonte Nova serviu mesmo de palco para históricas proezas.

A impiedosa goleada de 5 x 0 imposta ao Vitória, dia 18 do mês passado, foi o maior resultado desde 1952, quando o Bahia lhe aplicou um humilhante 6 x 1. Aliás, nos oito jogos entre as duas equipes realizados este ano, o time de Fantoni venceu cinco, empatou dois e perdeu outro. "Eu não agüento mais perder do Bahia", desabafava o meio-campo Bigu, do Vitória, semana passada. E com razão: até mesmo na última temporada, quando o rubro-negro ficou com o título, o jogador só teve o sabor da vitória uma vez em seis partidas.

Os torcedores do Bahia, ilustres como Mário Kertesz, atual prefeito de Salvador, ou anônimos e espalhados por todo o país, estão unidos na crença em torno de uma inscrição cunhada por jovens fundadores do clube, no primeiro dia de 1931: "Nasceu para vencer."

Nada mais certo. Movido provavelmente pelo antigo lema, Paulo Maracajá, presidente do Bahia, tomou as providências iniciais para montar o atual elenco de forma prosaica. Ainda no calor do último réveillon em sua casa de praia de Pedras do Rio, a 41 km de Salvador, trocou o copo de uísque de mão e fez um telefonema. Eram 5h30 da manhã e, dez minutos depois, fechava-se o maior negócio do futebol baiano em todos os tempos. Por 1,4 milhão de cruzados comprara o ponta-de-lança Bobô e o lateral-direito Zanata, ambos da Catuense. A partir daí, mais nove jogadores foram contratados: o lateral-esquerdo Alcir, os meio-campistas Pires e Paulo Martins, os zagueiros Pereira e Claudir, o goleiro Rogério e os atacantes Cláudio Adão, Nenê e Rubens. E gastou mais 1,6 milhão de cruzados.

Faltava, porém, um treinador. Recomendado pela boa campanha de 1976, ano do tetracampeonato e de craques como Perivaldo e Beijoca, Orlando Fantoni desfez as malas outra vez em Salvador. E, para não perder o hábito, decidiu promover alguns juniores: o ponta-direita Marcelino e o ponta-de-lança Zé Carlos.

O esforço não foi em vão. O Bahia conquistou os dois turnos e, no quadrangular final, chegou ao título a três rodadas de seu encerramento. O êxito ultrapassou os limites do gramado e alcançou as arquibancadas. O tricolor foi líder em arrecadação, recheando seus cofres com líquidos e nada desprezíveis 3 496 126 cruzados.

"AINDA NO CALOR DO ÚLTIMO *RÉVEILLON* EM SUA CASA DE PRAIA DE PEDRAS DO RIO, A 41 KM DE SALVADOR, PAULO MARACAJÁ TROCOU O COPO DE UÍSQUE DE MÃO E FEZ UM TELEFONEMA"

21/5/86 CARNEIRÃO (ALAGOINHAS)

BAHIA 1 X 0 CATUENSE

J: Paulo Celso Bandeira; **R:** Cz$ 94 160; **P:** 6 587; **G:** Leandro 8 do 1º

BAHIA: Rogério, Zanata, Estevam, Claudir e Edinho; Paulo Martins, Leandro, Bobô (Marinho) e Zé Carlos; Cláudio Adão e Nenê (Pires). **T:** Orlando Fantoni

CATUENSE: Naressim, Marcão, Lameu, Hermes e Miguel; Nascimento (Roquinho), Dejair (Plácido) e Adenílton; Vandick, Rocha e Sandro. **T:** Alencar

Bobô e cláudio Adão
comandam a festa

A CATUENSE ganhou o primeiro turno, mas o Bahia venceu o segundo invicto e venceu os dois jogos decisivos

TRICOLOR BICAMPEÃO

Depois de uma campanha brilhante, o Bahia mostra que é mesmo de chegada: liquida a Catuense na Fonte Nova e comemora seu 36º título

>> POR WASHINGTON DE SOUZA FILHO

O meia-esquerda Sandro foi, do início ao fim, um personagem importante do Campeonato Baiano. Emprestado pela Catuense ao Bahia para disputar a Copa Brasil, ele provocou uma briga entre os dirigentes pelo seu passe. "Quero ficar para ser campeão", esclareceu, quando teve de definir a preferência. Domingo, na Fonte Nova, sua vocação de artilheiro luziu e o tricolor começou a ganhar o bi com um gol dele. Foi 2 x 1, exatamente em cima da Catuense.

A concretização do sonho de Sandro significou o coroamento de uma campanha empolgante. De 36 partidas, o Bahia perdeu apenas para a Catuense, por 2 x 1, em Camaçari, na decisão do turno.

Comprovou a força da tradição de um time de chegada. Afinal, são 36 títulos estaduais em 56 anos de existência. Já a Catuense é vice-campeã pela terceira vez. Tal situação, é certo, favorece o crescimento de uma incômoda fama: a de quem costuma nadar e morrer na praia.

O técnico Vail Mota, porém, não concorda com essa observação. "Para um clube que está há seis anos na divisão principal, isso é um mérito". Ele ressalta que sua equipe teve o artilheiro da competição — Vandick, com 18 gols — e a revelação da temporada: o meia Luís Henrique.

Antes da decisão, a Catuense quis apegar-se a uma possível mística — a de que, diante de sua camisa, o tricolor treme. Mas sem argumentos. Na história dos confrontos entre ambos, iniciada em abril de 1981 com um 0 x 0, a vantagem é do Bahia. Venceu 15 vezes, empatou 15 e perdeu nove.

Na verdade, o que incendiou a rivalidade foi o problema com o passe de Sandro. O presidente do Bahia, Paulo Maracajá, aproveitou um documento de liberação do jogador para usá-lo na Copa Brasil e o inscreveu no Campeonato Baiano. "Não protestei para não estragar a competição", garantiu Antônio Pena, presidente da Catuense. "A situação de Sandro é ilegal. Vou aguardar a decisão da Justiça". No entanto, faz questão de tranqüilizar todo mundo. "Não vou contestar o título do Bahia por causa disso. Quero é que valorizem o passe na Copa União ou na Copa Brasil, o que seja."

Tanta briga nos bastidores teve reflexos em campo. O resultado é que o juiz Paulo Celso Bandeira foi obrigado a expulsar um de cada lado, logo no início da partida: os zagueiros Pereira e Miranda.

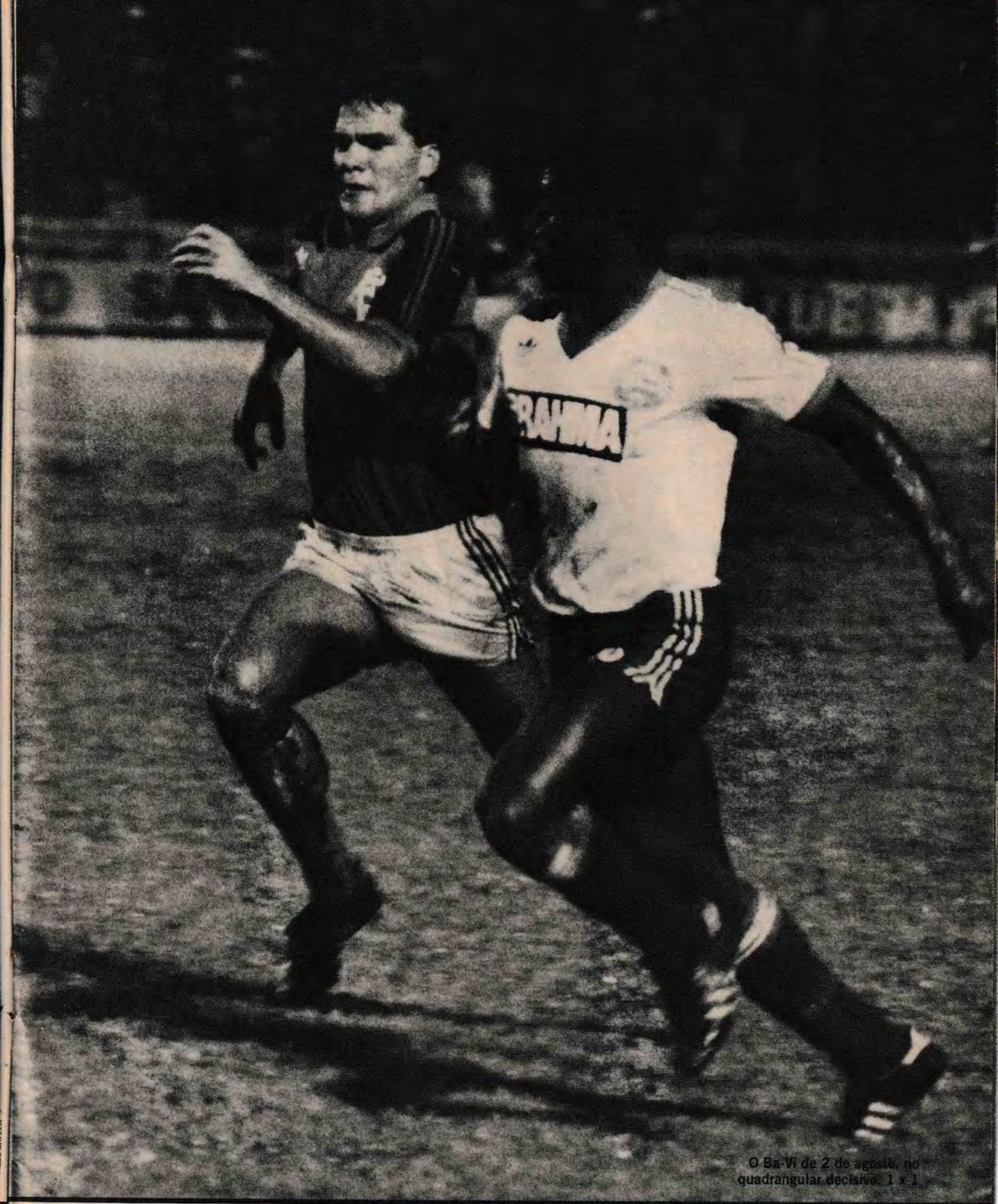
O técnico Orlando Fantoni quis passar Zanata para central e Sandro do meio-campo para a lateral direita. Rapidamente, os dois contestaram. E o treinador voltou atrás.

Assim, Edinho trocou a função de volante pela de quarto-zagueiro, permitindo que Zanata e Sandro continuassem em suas posições. "Edinho é pequeno para atuar como beque", ainda reclamou "titio" Fantoni. Apesar disso, o baixinho deu conta do recado.

Melhor ainda. Sandro tornou-se fundamental na frente. Aos 10 minutos do segundo tempo, ele aproveitou uma bobeira do lateral Marinaldo e fez 1 x 0. Sandro foi substituído por Joãozinho aos 41 minutos (quando o placar já apontava 2 x 1) e deixou o campo reclamando. "Estava fácil demais. Dava para fazer mais gols", garantia o atacante, que marcou onze vezes, seis menos que Ronaldo Marques, o artilheiro. "Queria ficar até o fim para festejar meu primeiro título."

Apesar o entusiasmo, a comemoração deste ano não teve a vibração de outras conquistas. Não houve sequer a tradicional caminhada até a Igreja do Bonfim. Tudo porque o trio elétrico do cantor Luís Muritiba quebrou. Além disso, choveu desde cedo. Mesmo assim, o carnaval continuou na Fonte Nova até tarde da noite. Com muito samba.

"A CATUENSE TEVE O ARTILHEIRO DA COMPETIÇÃO — VANDICK, COM 18 GOLS — E A REVELAÇÃO DA TEMPORADA: O MEIA LUÍS HENRIQUE"

23/8/87 FONTE NOVA (SALVADOR)
BAHIA 2 X 1 CATUENSE
J: Paulo Celso Bandeira; **R:** Cz$ 835 830; **P:** 14 818; **G:** Sandro 10, Marquinhos 15 e Rogério 32 do 2º; **CA:** Adenílton, Hermes, Sandro, Émerson e Marcão; **E:** Pereira e Miranda 17 do 1º
BAHIA: Rogério, Zanata, João Marcelo, Pereira e Émerson; Edinho, Leandro e Sandro (Joãozinho); Zé Carlos, Ronaldo Marques e Marquinhos (Osmar).
T: Orlando Fantoni
CATUENSE: Neto, Marinaldo, Lameu, Miranda e Hermes; Adenílton, Marcão e Luís Henrique; Adelvando (Rogério), Vandick e Naldinho (Rocha). **T:** Vail Mota

O Ba-Vi de 2 de agosto, no quadrangular decisivo: 1 x 1

O BAHIA TINHA QUE SER CAMPEÃO, por um simples motivo: para PLACAR poder publicar o antológico título da reportagem abaixo

O TRI ELÉTRICO DE BOBO E OSMAR

Comandado por seu meia maestro e pelo artilheiro do certame, atrás desse irresistível Bahia tricampeão só não vai quem já morreu

>> POR WASHINGTON DE SOUZA FILHO E UBIRATAN BRASIL

Depois de examinar atentamente os búzios, o pai-de-santo Raimundo, do Terreiro Ninfa Omim, foi categórico. "Apesar do jogo tumultuado, o Bahia será tricampeão estadual", sentenciou, já imaginando a cidade de Salvador vestida com as cores da alegria.

Católico fervoroso, o técnico Evaristo de Macedo foi além. Na missa realizada na manhã de domingo passado na capela do clube, ele fez questão da participação de todos. No final do dia, enquanto os jogadores do Bahia festejavam o 37º título da história com a volta olímpica, ele namorava o 3 x 0 sobre o Vitória escrito no marcador eletrônico do Estádio da Fonte Nova e jogava beijinhos para o céu. "Divina vitória", repetia.

De fato, com um milagroso gol do zagueiro Pereira logo a 1 minuto de jogo, o Bahia sentia que seu santo estava forte. "Com aquele gol, eles perderam o rumo da bola", garantia o camisa 3 tricolor. E, antes que o adversário esboçasse alguma reação, veio o tiro de misericórdia: aproveitando uma rebatida do goleiro, 11 minutos depois, o centroavante Renato balançou novamente as redes do Vitória. Neste momento, o treinador Orlando Fantoni abaixou a cabeça e suspirou: "Perdemos o título." "Titio" Fantoni não contara com a aplicação tática e a fervorosa vontade de vencer de dois velhos conhecidos seus — o meia Bobô e o lateral-direito Zanata. Recuperado de uma contusão na perna direita que o tirou do time por dois meses, Bobô entrou em campo com as vaias recebidas antes de se machucar ainda ressoando dolorosamente na cabeça. "Duvidaram de minha capacidade", lembrava, também magoado por ter sido tachado de mercenário ao se interessar por uma proposta do Boavista de Portugal.

Tanta abnegação valeu a Bobô um rádio para carro, uma caixa de cocadas e um convite para desfrutar uma noite em um motel. Envergonhado, recusou o convite. "Fiz minha primeira comunhão na missa da manhã", justificou.

Mais desinibido, Zanata arremessou suas chuteiras alemãs para a torcida. Empolgado pelo delírio da galera, ensaiou um *strip tease*, jogando — um a um — os meiões, as caneleiras e até o calção.

Descontrolado pelo terceiro gol adversário, marcado pelo artilheiro Osmar, o goleiro Tonho, do Vitória, chutou selvagemente o atacante caído no chão. "Recebi uma cotovelada e um chute no rosto", contava ainda zonzo o goleador, que acabou dando a volta olímpica com o sorriso desfalcado de um dente inferior, perdido com a agressão.

A seu lado, o centroavante Renato mancava com uma bolsa de gelo amarrada na coxa direita, vítima de uma pancada durante a confusão armada em campo. "O Vitória só foi mesmo mais determinado na hora de brigar", ironizava.

Como de costume, as comemorações se estenderam até a Igreja do Bonfim e, de lá, os jogadores se dirigiram para a sede do clube, onde 3 000 litros de chope os esperavam. O técnico Evaristo e o lateral Zanata não pretendiam varar a madrugada em festejos, pois estavam com passagens marcadas para o Rio de Janeiro na manhã seguinte. Apesar de todos os atritos entre ambos, nenhum dos dois pensou em alterar seus planos.

Afinal, como previam os búzios e as preces, eles eram campeões estaduais pelo Bahia — o responsável pelo maior espetáculo de futebol no Nordeste.

"BOBÔ GANHOU UM CONVITE PARA DESFRUTAR UMA NOITE EM UM MOTEL. ENVERGONHADO, RECUSOU. 'FIZ MINHA PRIMEIRA COMUNHÃO DE MANHÃ', JUSTIFICOU"

7/8/88 FONTE NOVA (SALVADOR)

BAHIA 3 X 0 VITÓRIA

J: Dulcídio Wanderley Boschillia (SP);
R: Cz$ 29 874 300; **P:** 70 160;
G: Pereira 1 e Renato 12 do 1º; Osmar 39 do 2º; **CA:** Gérson, Bobô e Estevam;
E: Paulo César 1 do 2º
BAHIA: Ronaldo, Zanata, Pereira, Claudir e Paulo Róbson; Gil, Zé Carlos e Bobô (Dico); Osmar, Renato e Sandro.
T: Evaristo de Macedo
VITÓRIA: Tonho, Edinho, Estevam, Santos e Paulo César; Bigu, Ben Hur e Gérson; André Carpes (Rosinaldo), Hélio e Edvaldo (Julinho). **T:** Orlando Fantoni
Obs.: o árbitro encerrou a partida aos 39 minutos do segundo tempo, depois de uma briga entre todos os jogadores.

Pereira abre o placar: senha para o início da festa

QUASE NINGUÉM acreditava no Bahia quando começou o campeonato nacional daquele ano. Depois de passar pelo Fluminense nas semifinais, porém, a situação já era bem diferente

DO TAMANHO DO BRASIL

Nunca uma final nacional ligou pontos tão distantes. De Porto Alegre a Salvador, mais de 3000 km de paixão e fé vão unir o país do futebol numa emoção de arrepiar

A Copa União tem uma final do tamanho do Brasil. Com duas viradas de campeões, Bahia e Internacional se credenciaram a decidir um título que, pela primeira vez na história, se polarizou entre Sul e Nordeste. Ao despachar o Fluminense por 2 x 1, na Fonte Nova, os baianos liquidaram com a tradição de o campeonato ter, pelo menos, um finalista da Região Sudeste. Paulistas, cariocas e mineiros ficaram pelo caminho. E, como os eufóricos tricolores da Boa Terra, a alegria dos colorados com a vitória na mesma medida sobre o rival Grêmio transcende os 3 090 km que separam Porto Alegre de Salvador.

As torcidas cumpriram rituais semelhantes para comemorar a classificação. Os 110 438 baianos que superlotaram o estádio saíram em romaria até a Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, mas a festa entrou noite adentro mesmo junto ao Farol da Barra, com direito a trio elétrico e blocos carnavalescos. Este ano, o enterro dos ossos não foi no sábado, e, sim, no domingo.

Depois da virada sobre o Fluminense, mesmo com a vantagem de jogar pelo empate na partida e na prorrogação, o goleiro Ronaldo descarregava frustrações passadas: "Estamos na decisão com sete baianos no time e sem ninguém pipocar". Uma referência ao centroavante Cláudio Adão, com quem se desentendeu no segundo jogo contra o Bugre. "Comprovamos a maturidade revelada no Recife, quando empatamos depois de levar o gol do Sport", analisava o destaque do empate de 0 x 0 do Maracanã, no meio da semana.

A disposição do atual Bahia ficou clara no esforço do meia Bobô, execrado pela má atuação no Rio de Janeiro. "Faço um gol domingo nem que seja com a mão", prometeu meio constrangido ainda no aeroporto. Ressabiado, nem quis aceitar o convite de um radialista para saudar a torcida antes do jogo. "Não quero ir", recusou-se. "Eles podem me vaiar." Depois, chegou até a oferecer uma caixa de cerveja que recebeu de uma emissora pelo gol de empate, aos 20 minutos do primeiro tempo, aos torcedores mais próximos.

Bobô jogou bem, mas o crescimento do time foi conseqüência da volta do ponta-esquerda Marquinhos, contundido desde o final da fase classificatória. Parte do segredo do técnico Evaristo de Macedo é justamente possuir boas alternativas para mudar a escalação. Graças ao elenco conseguiu vitórias importantes no segundo turno, como os 5 x 1 aplicados no Santos e os 3 x 1 sobre o Grêmio, no momento que a classificação estava ameaçada. Acabou com a terceira melhor campanha (44 pontos), atrás apenas de Vasco e Inter. Assim, acabou sendo o único clube a passar adiante pelo critério técnico.

Na primeira batalha da final, Evaristo já vai se valer do seu eficiente banco de reservas. O meia Gil, autor do segundo gol contra o Fluminense, e o lateral-esquerdo Paulo Róbson levaram o terceiro cartão amarelo e deverão ser substituídos por Osmar e Edinho. Com as mudanças, Zé Carlos será deslocado da direita do ataque para o meio. "Agora não temos mais escolha", reconhece o atacante, preocupado com a vantagem dos empates para o adversário. "Nós já ficamos atrás na Fonte Nova", retrucou o treinador, lembrando-se do gol do centroavante Washington logo aos 2 minutos do primeiro tempo. "Vamos tentar reverter a desvantagem outra vez."

"A marcha deste time é idêntica à nossa", recorda o goleiro da Taça Brasil de 1959, Nadinho, hoje com 58 anos. Uma lembrança que o próprio governador Waldir Pires fez questão de lembrar num telegrama enviado aos jogadores baianos antes da partida contra o Fluminense.

"DEPOIS DA VIRADA SOBRE O FLUMINENSE, O GOLEIRO RONALDO DESCARREGAVA FRUSTRAÇÕES PASSADAS: 'ESTAMOS NA DECISÃO COM SETE BAIANOS NO TIME E SEM NINGUÉM PIPOCAR'"

12/2/89 FONTE NOVA (SALVADOR)
BAHIA 2 X 1 FLUMINENSE
J: Dulcídio Vanderlei Boschillia (SP); **R:** NCz$ 71 993,20; **P:** 110 438; **CA:** Donizete, Gil e Paulo Róbson
BAHIA: Ronaldo, Tarantini, Newmar, Claudir e Paulo Róbson; Paulo Rodrigues, Gil, Bobô e Zé Carlos; Charles e Marquinhos. **T:** Evaristo de Macedo
FLUMINENSE: Ricardo Pinto, Carlos André, Édson Mariano, Edinho e Eduardo; Jandir, Donizete, Romerito (Zé Maria) e Paulinho Andreoli; Cacau (Sílvio) e Washington. **T:** Sérgio Cosme

DESDE 1959, O BAHIA não alcançava um título nacional. A festa veio em fevereiro de 1989, quando, depois de eliminar o Fluminense nas semifinais, o time de Bobô e Paulo Rodrigues desbancou o Inter de Taffarel

BAHIA É CAMPEÃO, BAHIA É CARNAVAL

É a folia irresistível de um título com a cara do povo brasileiro. Sofrido, mas empolgante. Um futebol alegre e malicioso que, sob o comando de Bobô e Ronaldo, conquistou o país

>> POR DIVINO FONSECA

O Bahia campeão é o povo brasileiro. Que luta, sofre e até sangra. Que tem malandragem, ginga e malícia. Mas que, sobretudo, se exprime com talento, técnica e emoção. Mais que arrancar um empate em 0 x 0 com o Internacional dentro do BeiraRio, o tricolor tirou a tarde de domingo para dar uma aula de disciplina tática, somada à sensacional virada de 2 x 1 na quarta-feira, para delírio da Fonte Nova. O passeio baiano pelo Sul garantiu o título e reeditou, 29 anos depois, a conquista da Taça Brasil de 1959. Estabeleceu também uma regra: este ano, o Carnaval não tem fim em Salvador.

Recomeçou no apito final do juiz, que ecoou na Praça Castro Alves e no Farol da Barra, a cerca de 3 090 km de Porto Alegre. Uma festa embalada ao som dos trios elétricos. Até quarta-feira é certo que o fricote corre solto pela Bahia.

A emoção maior ficou, porém, para os 800 privilegiados tricolores que puderam vibrar no BeiraRio. Assistiram ao show durante os 90 minutos e engrossaram o coro dos próprios jogadores, quando o capitão Bobô levantou a taça; "É nossa, é nossa!" Líder e centro criativo da equipe, o meia Bobô explodiu em alegria. Ele planeja comemorar mesmo o título na quinta-feira com sua família em Senhor do Bonfim, distante 374 km de Salvador. Florisvaldo Tavares da Silva, "seu" Flori, como é conhecido o pai do ídolo, pôs de lado uma antiga paixão. "Sou torcedor do Vitória, mas tenho um filho campeão brasileiro", exultava.

Mas o Bahia não se resumiu a Bobô. Sua grande virtude foi ser uma equipe humilde. Aliou o talento e a velocidade do ataque à aplicação em todos os setores. Uma marca do técnico Evaristo de Macedo. "Não impus nenhum sistema de jogo", confessou depois da decisão. "Apenas aproveitei o potencial de cada jogador."

Numa final que envolveu o Bahia, o misticismo não poderia ficar de fora. Em Salvador, o folclórico pai-de-santo Lourinho ganhou evidência ao expor os bonecos colorados devidamente amarrados e espetados por agulhas. Se os 2 x 1 foram conseqüência do vodu, ninguém sabe. A preocupação com o sobrenatural — ou simples malandragem — chegou até os dirigentes colorados, que permitiram a colocação de sete galinhas pretas, diversas pernas de carneiro assadas, velas, erva-mate e outras quinquilharias no vestiário adversário. Na dúvida, o massagista Alemão tratou de retirar os despachos antes de o time entrar. "Imagine se chimarrão e pé de boi vão ganhar jogo", brincava depois da partida. "Eu sempre trago meu alho para fechar o time."

Fechado mesmo ficou o gol do Bahia, com a inesquecível atuação do goleiro Ronaldo. Depois de passar toda a fase classificatória na reserva de Sidmar, ele teve sua chance a partir das quartas-de-final. Acabou garantindo os empates decisivos contra Sport, Fluminense e Inter com defesas dignas de uma estátua na Fonte Nova. Depois de assegurar o Carnaval mais longo da história da Boa Terra, o tricolor está disposto a espalhá-lo por toda a América do Sul e, quem sabe, promover um inesquecível enterro dos ossos do outro lado do planeta, no Japão, na decisão do Mundial Interclubes. Com tanta ginga, talento e malícia, o povo brasileiro está legitimamente representado.

"O BAHIA NÃO SE RESUMIU A BOBÔ. SUA GRANDE VIRTUDE FOI SER UMA EQUIPE HUMILDE. ALIOU O TALENTO E A VELOCIDADE DO ATAQUE À APLICAÇÃO EM TODOS OS SETORES"

19/2/89 BEIRA RIO (PORTO ALEGRE)

INTERNACIONAL 0 X 0 BAHIA

J: Dulcídio Wanderley Boschillia (SP); **R:** NCz$ 57 304; **P:** 79 598; **CA:** João Marcelo, Gil, Norberto e Edu

INTERNACIONAL: Taffarel, Luís Carlos Winck, Aguirregaray, Norton e Casemiro; Norberto, Luís Carlos Martins e Luís Fernando; Maurício (Hêider), Nílson e Edu (Diego Aguirre). **T:** Abel Braga

BAHIA: Ronaldo, Tarantini, João Marcelo, Claudir (Newmar) e Paulo Róbson; Paulo Rodrigues, Zé Carlos e Bobô (Osmar); Gil Sergipano, Charles e Marquinhos. **T:** Evaristo de Macedo

Gil deixa Luís Fernando na saudade: campeão do Brasil no Beira Rio

DOIS ANOS SEM CONQUISTAR o estadual. Insuportável! O novo título veio numa decisão com o Flu de Feira, que tentava quebrar 22 anos de jejum

A BAHIA DE NOVO TRICOLOR

Depois de passar dois anos em jejum, o Bahia massacra os adversários com um ataque impiedoso e chega a mais um título com todas as sobras

Foram dois anos de jejum. Um tempo aparentemente curto, mas que parecia uma eternidade para cada coração tricolor. Afinal, desde que o Bahia resolveu voar alto, conquistando o Brasileiro de 1988, nunca mais a Boa Terra teve o prazer de ser dominada pelo futebol irreverente de seu principal time. E pior do que isso era ver o inimigo Vitória dominando o estado. Por isso, assim que o juiz José Roberto Wright apitou o fim do jogo contra o Fluminense de Feira, a Fonte Nova explodiu de emoção.

No início da campanha, no entanto, o grito de campeão estava incontido na garganta como nunca estivera antes. Não foi por acaso, portanto, que o clube não deu chance a nenhum adversário. Dos quatros turnos previstos no regulamento, o time venceu três e só não repetiu a histórica campanha de 1977, quando ganhou as quatro etapas do campeonato, porque excursionou ao Gabão no terceiro turno. O time perdeu apenas duas vezes — para Jacuipense e Fluminense — e terminou o campeonato com o melhor ataque: 65 gols, média de 1,91 por partida.

A campanha ficou ainda mais fácil devido à má fase do Vitória. Disposto a punir os jogadores pelo rebaixamento no Campeonato Brasileiro, o presidente Paulo Carneiro promoveu uma liquidação no elenco. Sorte do tricolor, que pôde vingar todos os pecados rubro-negros nos dois anos em que dominou a Bahia. Em seis Ba-Vis, ganhou três vezes e empatou outras três.

E não era preciso análises muito profundas para entender a superioridade do Bahia. Bastava olhar seu elenco. Na mesma equipe estavam reunidas a inteligência e habilidade de Luís Henrique, a velocidade de Naldinho e o oportunismo de Vandick. Para melhorar, o talento parecia explodir nos momentos essenciais. "Fiz gols em todas as finais de turno e nos jogos da decisão contra o Fluminense", gabava-se Vandick, artilheiro do campeonato com 21 gols.

O único problema foi o prejuízo financeiro. A confusa fórmula de disputa do campeonato provocou um prejuízo de 125 mil dólares aos cofres do Bahia. Na final, contra o Fluminense de Feira de Santana, apenas 17 mil apaixonados tricolores assistiram ao baile de bola que terminou com um delicioso 3 x 0. Afinal, a decisão previa a possibilidade de até quatro jogos e o Bahia, que só dependia de dois pontos, decidiu resolver a questão na terceira partida – as outras terminaram em 3 x 2 para o Fluminense, em Salvador, e 1 x 1, em Feira de Santana.

Pena apenas que o público tenha sido tão pequeno na final, a ponto de quebrar a tradição do trio elétrico seguir até a Colina Sagrada para a torcida agradecer ao Senhor do Bonfim. Dessa vez a festa foi em frente à Fonte Nova, desmentindo a frase de Caetano Veloso, que diz que atrás do trio elétrico só não vai quem já morreu. O futebol baiano está mais vivo do que nunca. Afinal, ele reaprendeu o mágico prazer de ver o Bahia reinar em seus campos.

"O TIME SÓ NÃO REPETIU A HISTÓRICA CAMPANHA DE 1977, QUANDO GANHOU AS QUATRO ETAPAS DO CAMPEONATO, PORQUE EXCURSIONOU AO GABÃO NO TERCEIRO TURNO"

12/12/91 FONTE NOVA (SALVADOR)
BAHIA 3 X O FLUMINENSE
J: José Roberto Wright; **R:** Cr$ 50 402 000; **P:** 17 634; **G:** Naldinho 9, Luís Henrique 16 e Vandick 38 do 2º; **CA:** Jorginho, Uéslei e João Luís
BAHIA: Sérgio Nery, Maílson, Jorginho, Wágner Basílio e Paulo César; Paulo Rodrigues, Lima, Gil e Luís Henrique; Naldinho (Uéslei) e Vandick. **T:** Luís Antônio
FLUMINENSE: Abel, Neto (Robertinho), Augusto, Eduardo e João Luís (Ronaldo); Lima, Zelito e Osmar; Edmílson, Ronaldo e Baiano. **T:** Carlos Queirós

O garoto Luís Henrique ignorou a defesa do Fluminense

FOI A CONQUISTA mais importante do Bahia desde o título brasileiro de 1988. E mais uma vez quem estava no banco era Evaristo de Macedo

A LISTA DE ACM

O técnico Evaristo, o artiheiro Nonato e até ex-jogadores do maior rival. Tudo ajudou o Bahia na campanha do título do Nordeste. A festa contou até com um certo senador...

>> POR CRISTINA MASCARENHAS

Festejar títulos tendo como ídolos ex-jogadores do Vitória não é novidade para o Bahia. Na campanha do tricampeonato estadual de 1983, por exemplo, o artilheiro da equipe foi o ponta-direita Osni, campeão também pelo Vitória em 1972, artilheiro estadual pelo rubro-negro em 1974, 1975 e 1976. Como nos últimos tempos os tricolores se cansaram de ver torcedores do Vitória com sorriso aberto, de orelha a orelha, o Bahia abusou na final do Nordestão.

Abriu a contagem com um golaço, com G maiúsculo, marcado por Preto, campeão da Copa Nordeste pelo Vitória, em 1997 e 1999. E o elenco ainda tinha Bebeto Campos e Claiton, todos ex-jogadores do maior inimigo. O gol de Preto, candidato ao título de mais bonito do Nordestão, acabou com uma expectativa de 24 minutos, tempo que os 65 mil pagantes ficaram com frio na barriga. A campanha no Nordestão e a série de 11 vitórias seguidas evidenciaram a superioridade do Bahia. Mas o sofrimento dos últimos anos sem título deixava a dúvida se os pernambucanos — mais afeitos às conquistas nos últimos tempos — não poderiam surpreender os tricolores.

"Venci duas vezes com o Vitória e agora ganho com o Bahia. A emoção é indescritível", dizia o meia Preto, na festa da conquista que mostrou que o novo Bahia, como o dos velhos tempos, não é afeito a surpresas.

A tradição voltou. O time comemorou um título na Fonte Nova, coisa que não acontecia há sete anos — desde o estadual de 1994. Com o time repleto de ex-jogadores do Vitória, como aconteceu com Osni, em 1983, com Mário Sérgio, em 1987. Mas o sinal dos velhos tempos que mais dá esperanças para o futuro é a equipe composta por jogadores formados em casa. Como o atacante Nonato, autor do segundo e terceiro gols nos 3 x 1 da decisão contra o Sport. "Sempre confiei que ia jogar como titular", diz Nonato, que iniciou a campanha na reserva.

Craques formados em casa eram a marca do time campeão brasileiro de 1988, glória maior da história do Bahia — Charles, Zé Carlos, Marquinhos e Bobô, este comprado garoto, da Catuense. O Nordestão não tem a mesma projeção, mas as duas campanhas guardam outra semelhança: o técnico Evaristo de Macedo. Carregado em triunfo depois da conquista, Evaristo virou mito. "Devo muito a ele", não se cansa de repetir o atacante Nonato. Além dele, o time tem o atacante Fábio Costa, o volante Mantena e o goleiro Émerson entre os que foram revelados em casa.

O Bahia teve o melhor ataque (38 gols), o melhor saldo (20 gols pró), o recorde de público (65 mil pagantes) e a maior seqüência de vitórias (11, somando as partidas da Copa do Brasil). Para homenagear os campeões — e arrancar uma casquinha política — o senador Antônio Carlos Magalhães estava no Palácio de Ondina no dia da recepção do governador César Borges. Em tempo de ameaça de cassação, ACM recebeu Gal Costa e Zélia Gattai e... aproveitou para receber apoio dos tricolores.

É o time do Bahia, no entanto, quem mais arranca votos em Salvador na atualidade. Votos de favorito na briga pelo título estadual e para chegar pelo menos às semifinais da Copa do Brasil — se passar pelo Fortaleza, pega o ganhador de Ponte Preta x Remo. Os tempos do Bahia grande, que mete medo em qualquer adversário, voltaram. O título do Nordestão parece ser só a primeira prova disso.

"CARREGADO EM TRIUNFO DEPOIS DA CONQUISTA, EVARISTO VIROU MITO. 'DEVO MUITO A ELE', NÃO SE CANSA DE REPETIR O ATACANTE NONATO"

EDSON RUIZ

28/4/2001 FONTE NOVA (SALVADOR)

BAHIA 3 X 1 SPORT

J: Antônio Pereira da Silva (GO); **R:** R$ 531 924; **P:** 65 924; **G:** Preto 23 do 1º; Nonato 42 do 1º; Leomar 12 e Nonato 30 do 2º; **CA:** Nonato, Jean Elias e Rodrigo
BAHIA: Émerson, Japinha, Jean Elias, Carlinhos e Jefferson; Preto, Bebeto Campos, Alex Oliveira e Luís Carlos Capixaba (Mantena); Róbson (Washington) e Nonato (Fábio Costa).
T: Evaristo de Macedo
SPORT: Zetti, Rodrigo, Erlon, Flávio e Rondinelli; Leomar, Sidney, Valdo e Eduardo Marques (Fabinho); Leonardo e Gílson Batata (Irani). **T:** Levir Culpi

HAROLDO ABRANTES

A festa com a taça e Nonato, um dos heróis: campeão do Nordeste

BAHIA CAMPEÃO BRASILEIRO 1988

EM PÉ: Sidmar, Pereira, João Marcelo, Paulo Róbson, Edinho e Paulo Martins; **AGACHADOS:** Zé Carlos, Gil, Bobô, Renato e Marquinhos

NELSON COELHO

A HISTÓRIA DA ARTE

Uma coletânea com as melhores matérias e fotos dos 13 maiores clubes brasileiros, publicadas em PLACAR desde os anos 70.

Peça já ao seu jornaleiro